

CRENÇAS ARGUMENTAIS DE MULHERES QUE SOFRERAM AGRESSÃO DE SEUS MARIDOS OU COMPANHEIROS. ESTUDO COMPARATIVO NO CAMPO DA ANÁLISE TRANSACIONAL, REALIZADO COM POPULAÇÕES ATENDIDAS NA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER, E NO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA.

SÃO PAULO (SP), 1988.



^{B-S}
Glória da Conceição Mesquita Leitão

Tese apresentada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de "Doutor em Saúde Pública".

Orientador: Prof. Dr. Armando Piovesan



SÃO PAULO (SP)

1991

"Você é livre para ver o mundo como miserável ou maravilhoso, o seu deus como benevolente ou vingativo, sua vida como valendo a pena ser vivida, ou desprovida de valor".

(Bernard Poduska)

Orientador:

Professor Doutor Armando Piovesan

AGRADECIMENTOS

Ao professor Doutor Armando Piovesan, mui digno orientador deste trabalho.

À Doutora Dirsa N. de Moraes Rêgo, analista transaccional, pela dedicação com que prestou assessoria na elaboração do projeto desta pesquisa.

À Dra. Ivaneti Oliveira Veloso, mui digna delegada da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher, da cidade de São Paulo pelo integral apoio durante as fases de planejamento e execução da pesquisa.

À toda a equipe de policiais civis da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher, de São Paulo, pela carinhosa acolhida e colaboração.

À Dra. Luciana dos Santos Andrade, enfermeira e ao Dr. Diógenes Sandim Martins, Diretor Técnico do Centro de Saúde "Dr. Rubens Monteiro Arruda" (SP), pela acolhida e facilitação operacional.

Ao professor Carlos Alberto Salgado Borges, mui digno Diretor do Centro de Ciências da Saúde da UFMA, pela inestimável orientação metodológica na análise e interpretação dos dados.

Ao professor Edson Diniz Ferreira Filho, do Departamento de Matemática da UFMA, pela ajuda estatística.

Ao Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (Brasília), pela bolsa concedida pelo Projeto desta pesquisa.

À todas as mulheres que constituíram os grupos experimental e controle desta pesquisa, pela atenção e colaboração.

Um agradecimento muito especial à Universidade Federal do Maranhão a quem a autora deve sua qualificação no doutorado.

RESUMO

Estudo das crenças integrantes do Argumento de Vida de mulheres que sofreram agressão de seus maridos ou companheiros. Trata-se de uma pesquisa "ex-post facto" realizada com populações atendidas na 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher e no Centro de Saúde Dr. Rubens Monteiro Arruda, no bairro de Santo Amaro, na cidade de São Paulo (SP), Brasil.

Na forma como é apresentada, esta pesquisa pode ser considerada inédita na área de Análise Transacional. Com ela procurou-se conhecer as crenças resultantes das experiências de vida com que cada mulher respondente construiu seu modelo de mundo. Reconhece-se que todo comportamento, por mais incongruente que seja, possui um sentido, quando é analisado dentro do contexto limitado de escolhas geradas pelo próprio modelo.

A interpretação dos resultados permitiu concluir que, as mulheres da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa de Mulheres e as do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda, diferem em relação à maioria das crenças. As do primeiro grupo tendem a ter crenças de baixa autovalorização e de supervalorização do parceiro e, por isso, tendem a ser agredidas.

SUMMARY

Study of believes integrating life script of women that suffered aggression from their husbands or companions. It is an "ex-post facto" research done with the population attended by the Second Police District of Women Defense and Health Center Doctor Rubens Monteiro Arruda, in the district of Santo Amaro, in the city of São Paulo (SP), Brazil.

In the form that it is presented, this research can be considered unheard in the area of Transactional Analysis. With it one tried to get to know the believes resulting from life experiences with which every respondent woman built their life model. It is recognized that every behaviour, the more incongruent it is, owns a sense, when analysed inside the limited context of choices generated by the own model.

The interpretation of results permitted to conclude that, those women from the Second Police District and those from the Health Center Rubens Monteiro Arruda, differ in relation to the majority of the believes. The ones from the first group tend to have believes of low self-value and super valorization of the companion and, for this reason, they tend to be victims of aggression.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3. PLANO DA PESQUISA	24
3.1 - Objeto da Pesquisa	25
3.2 - Objetivos da Pesquisa	26
3.3 - Métodos Utilizados	28
3.3.1 - Estudos Exploratórios	28
3.3.2 - Populações	29
3.3.3 - Grupos	29
3.3.4 - As Variáveis	30
3.3.5 - Amostras	33
3.3.6 - Instrumento de Medida	35
3.4 - Coleta de Dados	41
3.5 - Procedimentos Estatísticos	42
4. RESULTADOS	45
4.1 - Considerações Preliminares	46
4.2 - Descrição das Amostras	46
4.3 - Variáveis Independentes	46
4.4 - Variável Dependente	53
4.5 - Avaliação do Estado Emocional da Respondente	77
5. DISCUSSÃO	79
6. CONCLUSÕES	106
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

ANEXOS

. Anexo 1 - "Rapport"	A - 1
. Anexo 2 - Questionário	A - 2
. Anexo 3 - Movimento mensal de queixas regis- tradas na 2a. Delegacia de Polícia da Defesa da Mulher	A - 18
. Anexo 4 - Tabelas nº 1 à 10	A - 19
. Anexo 5 - Tabelas nº 25 à 42	A - 24
. Anexo 6 - Tabelas nº 43 à 47	A - 42
. Anexo 7 - Questionário nº 1	A - 47
. Anexo 8 - Estrutura Pamela Levin	A - 50

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa estuda as Crenças integrantes do Argumento de Vida de mulheres que sofreram agressão de seus maridos ou companheiros. Trata-se de um estudo realizado com populações atendidas na 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher e no Centro de Saúde "Dr. Rubens Monteiro Arruda", em Santo Amaro, zona sul de São Paulo (SP), 1989.

Na forma como é apresentada esta pesquisa pode ser considerada inédita na área de Análise Transacional. Com ela procurou-se conhecer, precipuamente, as crenças resultantes das experiências de vida com que cada mulher respondente construiu seu modelo de mundo. Reconhece-se que todo comportamento, por mais incongruente que seja, sempre possui um sentido, quando é analisado dentro do contexto limitado de escolhas geradas pelo seu próprio modelo.

O interesse por este tema originou-se nos cursos de Análise Transacional (101), de leituras específicas e das campanhas anti-violência contra a mulher desencadeadas pelo Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, no período de 1985/86. Daí surgiu a curiosidade: por que muitas mulheres se sujeitam a apanhar? Por que muitas delas permanecem ao lado do agressor?

A agressão de esposa ou companheira passou a ser foco de atenção a partir dos Movimentos Feministas da década de sessenta⁵³. É um fenômeno complexo que só recentemente atraiu

a atenção dos pesquisadores. No campo da saúde pública a agressão de esposa constitui-se, hoje, um problema de importância emergente^{11,43}.

A agressão ou violência contra a mulher origina-se tanto nas contradições da sociedade patriarcal capitalista quanto nas situações precipitantes do cotidiano familiar^{4, 5, 25}. Isto pode ser sintetizado na idéia de que a agressão tem suas raízes no padrão hierárquico de relações sociais de gênero, sendo esse padrão socialmente construído, resultando na identidade "mulher" e homem^{5,53}.

Esta dialética sociológica é correta, porém a abordagem deste estudo é psicológica razão pela qual não se discutirá o fato dos gêneros se situarem numa relação de dominação versus subordinação. Espera-se que pesquisadores de outras áreas contribuam para a ampliação da compreensão do tema em questão.

Um dos aspectos mais decisivos do desenvolvimento da personalidade é o fato do indivíduo chegar a adaptar-se aos diferentes papéis que a sociedade lhe demarca. O processo de ajustar-se aos papéis e fazer um acordo entre eles está carregado de conflitos³⁴. Entretanto não é a este conceito de papel que se faz referência nesta pesquisa, mas a um outro, tomada a palavra como sinônimo de Argumento ou roteiro compulsório do homem ao longo de sua existência⁶. Neste conceito os papéis não são aprendidos ao acaso; a aprendizagem ocorre, na infância, por trei

no especial antecedido de explicações racionais ou precedido da observação de um modelo. Quando isto acontece a criança perde a espontaneidade e se transforma numa espécie de personagem que, ao invés de viver a vida como ela é, vive um roteiro determinado pelos pais, ou elaborado por si mesma. Há, autores¹ que atribuem o "desempenhar papéis" a um sintoma neurótico que funciona como uma "bengala" para a pessoa que se sente inferior manter-se na vida social. A explicação decorre do fato de muita gente ter, em si, uma "criança interna do passado" que, quando se sente inferior aos outros, facilmente se sente injustiçada, o que a leva à rebeldia, raiva e à tendência de vingança. Por essa razão define-se Argumento de Vida como "um plano em franca execução, elaborado na primeira infância, sob a influência dos pais, que dirige a conduta do indivíduo nos aspectos mais importantes de sua vida"^{7,12}. Ou, que, a mais das vezes, é a própria criança que toma a decisão primitiva sobre si mesma, começando a planejar sua vida baseada nessa decisão, e usando como modelo um conto de fada ou outra história qualquer²⁶.

Para ERSKINE¹⁸, Argumento de Vida é um "plano de vida baseado em mensagens que foram introjetadas a partir de outrem e/ou decisões feitas sob pressão". Ressalta que o aspecto pressão modifica, tanto as mensagens introjetadas como as decisões em qualquer idade do desenvolvimento, e não o fato do plano ter sido elaborado na primeira infância. São as respostas aos dilemas e, a flexibilidade ou rigidez destas respostas, que de-

terminam se a pessoa vai viver autonomamente ou em padrões rígidos e distorcidos de comportamento.

O Argumento de Vida é considerado uma força psicológica que impulsiona a pessoa em direção ao seu "destino", independentemente de sua luta contra ele ou da afirmação de que é sua própria vontade. Contudo nem todas as pessoas possuem um Argumento (isto é, nem todas seguem uma fórmula), muito pelo contrário, uma pessoa real pode ser definida como alguém agindo espontaneamente, de forma racional e confiável, respeitando os outros com decência. Aqueles que seguem a fórmula são considerados pessoas irreais, embora sejam a maioria⁷.

O Argumento é caracterizado por sentimentos repetitivos desagradáveis, por dificuldades recorrentes nos relacionamentos interpessoais e por um sentimento de desvalor de si e dos outros¹⁶. Daí porque muitas mulheres vivem suas vidas de acordo com o que lhes ensinaram e não, de acordo com a descoberta de si mesmas; ao vivenciarem ações já programadas deixam de experimentar a riqueza e a plenitude de seu potencial³⁰. A esse respeito, MÁXIMO³⁸, psicóloga do Centro de Orientação Jurídica à Mulher (SP), observou que as mulheres criadas em lares violentos incorporam a condição de vítima da violência como forma de receber atenção, razão pela qual, inconscientemente, passam a buscar companheiros violentos.

AARDWEG¹, psicoterapeuta holandês, teoriza acer-

ca de comportamentos semelhantes. Este autor diz que existe uma "criança interna do passado" na mente das pessoas atormentadas por emoções negativas ou incontroláveis. O adulto que traz essa criança dentro de si, é impedido de seguir a própria vida como lhe convém. Todos trazem a marca do sofrimento, e quase nunca podem sentir-se realmente felizes e despreocupados. Para AARDWEG¹ estas pessoas são neuróticas. Ele parte do pressuposto de que o "neurótico" é aquele que vive freqüentemente em conflito, amedrontado, cheio de dificuldades, etc. Conceitua sentimentos e pensamentos neuróticos (os quais não têm concordância com a realidade como esta é percebida pela maioria das pessoas), como sentimento e pensamentos negativos. Diz que estes, no adulto, são essencialmente os de uma criança que se queixa, que se lastima mais ou menos continuamente. Necessita para isso, de justificações que podem consistir de uma grande variedade de sentimentos que causam desprazer. No meio dessas justificações pode-se distinguir uma queixa específica, um drama central característico. Esta queixa específica deu origem à autopiedade compulsiva na infância, quando da ocorrência de cena básica que provocou a traumatização psíquica. A permanência do drama principal causa a co-fixação dos traços da personalidade da "criança queixosa" que se sente como um herói trágico, personagem principal de uma tragédia. A compulsão a queixar-se é inevitável porque a "criança interna" se sente inferior aos outros e, não pode relacionar-se despreocupadamente com eles. É medrosa, inibida, agressiva, sente-se insultada; desempenha papéis para a obtenção de estima e

proteção. Para a melhor compreensão do assunto diz que, "alguns neuróticos escolhem um parceiro matrimonial que tem exatamente as qualidades de caráter que facilitam à "criança" repetir sua queixa principal". Essa "criança interna" sente-se a única vítima, uma vítima excepcional. Serve-se do próprio "eu" para as justificações de autopiedade, concentrando-se nos aspectos negativos do "eu", queixando-se exageradamente, não de modo lógico, mas para viver passivamente sua autopiedade.

Berne, criador da Análise Transacional tem ponto de vista semelhante, embora tenha estruturado a personalidade em Estados do Eu - Pai, Adulto e Criança (PAC). Definiu os Estados do Eu como um "sistema de emoções e pensamentos, acompanhado de um conjunto coerente de padrões de conduta". Uma pessoa está no Estado do Eu-Pai - quando fala ou pensa como o fizeram seus pais ou outras pessoas importantes; uma pessoa está no Estado do Eu - Adulto - quando atua computando a realidade; e está no Estado do Eu - Criança - quando pensa, sente e atua como em sua infância¹⁷.

ADLER², ao estudar o caráter neurótico, teorizou que a inferioridade constitucional e outras situações infantis de efeito equivalentes, originam um sentimento de inferioridade que reclama uma compensação, uma elevação do sentimento de personalidade. Quando os sentimentos de inferioridade predominam, causa insegurança diante do mundo e impelem a pessoa com problema de desenvolvimento da personalidade, a reforçar a linha diretriz

que dá sentido à vida. A esta se aferra, a fim de garantir segurança de orientação no mundo, por meio de crenças e ficções: esta pessoa vive obcecada por seus sentimentos de insegurança e seu pensamento é analógico: pensa poder solucionar todos os problemas por analogia, com as experiências mais antigas. Seu temor ao novo, em adotar decisões, ou de sofrer, provém de sua escassa autoconfiança.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A revisão da literatura sobre crença evidencia quão escassa e complexa é a bibliografia específica existente, mormente em se tratando de crença do Argumento. Tal conceito incluído em estruturas teóricas do tipo psicossocial, caracteriza-se pela ausência semântica e implica a compreensão da evolução da criança, dos processos neurolinguísticos, bem como do conceito de valor.

Crença é "ato de fé de origem inconsciente, que leva uma pessoa a admitir uma idéia, uma opinião, uma explicação, uma doutrina"³⁶. É "firme assentimento e conformidade com alguma coisa; convicção"⁴⁹.

ROKEACH⁵¹, um dos maiores estudiosos de crença, define esta como "qualquer proposição simples, consciente ou inconsciente, inferida do que uma pessoa diz ou faz capaz de ser precedida pela frase "eu creio que"...". As crenças não podem ser diretamente observadas, mas podem ser inferidas de comportamentos e atitudes manifestados pelo sujeito. O comportamento causa a atitude e por extensão as crenças. A atitude é "uma disposição interna para interpretar, sentir e reagir em face de determinados objetivos, situações e pessoas"⁴⁵. Há muitas crenças sobre o mundo social e físico no qual as pessoas vivem. Cada uma e todas estão organizadas de alguma forma psicológica, porém não lógica, em um sistema. Mas nem todas as crenças são igualmente importantes dentro do sistema de crenças de uma pessoa, e nem todas desempenham um papel importante na determinação de um compor

tamento. A variação da importância de uma ou das várias crenças de um sistema de crença pode ser medida por meios estritamente empíricos, tais como avaliação, classificação, métodos de comparação em pares, ou ainda, podem ser classificadas a priori, com base em um ou mais critérios conceituais, empiricamente validados^{48,51}.

ERSKINE et ZALCMAN¹⁹ consideram as crenças do Argumento como conseqüências do dilema em que a criança se coloca quando não tem atendidas suas necessidades mais elementares. A satisfação psicológicas das necessidades só se alcança quando se dá pelo caminho adequado à obtenção da estabilidade e segurança, ao menos em relação às graves ameaças da vida². Caso contrário mágoas psíquicas causarão intensa dor e a criança, na tentativa de impedir a penetração desse sentimento desagradável em sua consciência, isola-lo-á fora desta região psíquica, de modo que a dor ficará reprimida no inconsciente. Este sentimento desconfortável induz a criança a decidir se quer continuar a sentir o desconforto da situação original, ou se quer despertar o medo ou a raiva, transformando-os, com uma explicação lógica, em crença de autopiedade^{1,18,19}. A autopiedade é um mecanismo de defesa dos mais importantes, além de ser uma ação de autoconforto: uma ação de dar a si um tipo de calor, da mesma maneira que se pode dar calor e conforto a outras pessoas que sofrem. É uma reação à auto-imagem negativa de ser inferior em relação aos outros¹.

As crenças repousam em experiências vividas e es-

tão relacionadas com as atividades de pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros. Articulando estas atividades com o campo psicológico pode-se dizer que os fundamentos das crenças são quatro: cognitivos, comportamentais, emocionais e sociais³⁵. O componente cognitivo representa o conhecimento de uma pessoa com graus variados de convicção sobre o que é verdadeiro ou falso, bom ou ruim, desejável ou indesejável. O comportamental indica que a crença é uma predisposição de respostas de variados princípios que leva a alguma ação quando adequadamente ativada⁵¹. Os componentes emocionais podem ser vistos como uma interação dinâmica entre as características ambientais e os fenômenos internos vivenciados pela pessoa, enquanto os sociais prendem-se às influências que a sociedade exerce sobre os indivíduos³⁵.

As crenças são formadas e desenvolvidas bem cedo na vida da criança. Coincidem com a fase de desenvolvimento anatomo-fisiológico do sistema nervoso, conforme ANTHONY³ descreve:

"Quando alguém nasce, tem geralmente cérebro com 1/8 de massa em relação ao cérebro de um adulto: Aos 18 meses esse volume chega à metade da massa encefálica adulta e depois de cinco anos esbarra nos 5/6. O cérebro é, assim, o órgão do corpo humano de mais rápido crescimento. Durante esse período de rápido desenvolvimento, conhecido como "tempo de gravação das impressões", o cérebro recebe e registra os traços fortes que ajudarão a compor nosso padrão de comportamento. Pode-se concluir que se, nesse período, o pai ou a mãe ou ambos estiverem afetados pelo mal da baixa autoestima, facilmente a criança absorverá essas marcas, sobretudo as mais mentalmente impressionáveis.

Daí depreende-se que a capacidade para enfrentar suas necessidades converte-se, no adulto em crescimento, na luta pela auto-estima e pelo sentido de significação como pessoa. O clamor por reconhecimento torna-se o clamor psicológico central, levando a criança a ser capaz de dizer "eu sou", de afirmar-se no mundo pela capacidade de se fazer valer; de colocar significado, de criar significado. Toda criança se converte num adulto por meio de processos que refletem as vicissitudes do poder. Tal poder lhe é dado no ato de nascer, não pela cultura, mas pelo simples fato de estar viva³⁹.

Para FENSTERHEIM et BAER²² "a pessoa que não se faz valer, possui pouca liberdade, sente mal-estar e, em sua ânsia por ser livre, poderá tornar-se má, dominada por transportes emocionais inadequados. Quanto mais um indivíduo fizer valer seus direitos e agir de um modo que ele próprio respeite, maior será sua auto-estima".

Todas as pessoas nascem OK⁷ com o direito irrenunciável de cuidar de si mesma. Nesta posição existe um OK positivo porque o estímulo está presente: a criança é tocada, apanhada ao colo ao colo ao se cuidar dela. Mas há, também um OK negativo que é a conclusão que ela tira a respeito de si mesma. A criança se sente à mercê dos outros, sente uma grande necessidade de afago e de reconhecimento. Além disso não tem o equipamento e a experiência necessários para formar uma imagem precisa de si

própria, de modo que seu único guia é a reação dos outros e ela²⁷. Se ao bebê for negada a experiência de que as suas ações podem obter uma resposta daqueles que o rodeiam, encolher-se-à num canto de seu berço, terá dificuldade de falar (ou não falará), podendo vir a definhar fisiológica e psicologicamente³⁹. Se este estado de abandono e dificuldade prosseguir sem interrupção durante o segundo ano de vida, a criança concluirá: "eu não sou OK - você não é OK" o que significa que, embora sofrendo de privação de carinho ou estímulo positivo, ainda assim haverá um OK positivo produto, certamente, de autocarinho, muito embora uma defesa contra o sentimento básico de não ser OK. Essa pessoa no cotidiano, terá dificuldade em obter estímulo positivo do ambiente que a rodeia já que acredita que os outros não são OK^{27,28,60}.

O valor que a pessoa atribui a si e aos outros condiciona a auto e a hetero percepção e é fruto de uma decisão precoce. Mesmo assim o simples fato da pessoa ter nascido leva-a a assumir a posição existencial sadia (OK-OK), própria da natureza humana, que lhe permite colocar-se em contato com sua potência máxima, não necessitando de nenhuma decisão para isto^{27,28,60}.

PEARCE⁴⁷ dá respaldo a esta proposição ao afirmar que "os períodos da vida pré-natal, parto, nascimento e infância são todos geneticamente planejados para prover exatamente os tipos de experiências necessárias para que o cérebro estruture seu

lugar de poder". A esse respeito MAY⁴⁰ escreve que, "uma vez cortado o cordão umbilical, a criança tem que aprender a estabelecer relações numa base psicológica. Cada avanço representa o uso de seu poder e de sua capacidade individual, e depois retorna à sua mãe". Essas forças propulsoras são progressivamente canalizadas em certas direções e exercem seu impacto por meio de mecanismos de assimilação e acomodação. Assimilação e acomodação são mecanismos psíquicos instrumentais na modificação e desenvolvimento da psique^{13,14}. À medida que o Eu vai assimilando os objetos, processa-se a acomodação, isto é, o reajustamento das estruturas mentais já existentes a cada variação exterior. Para melhor compreensão deste processo convém que se recorde que a maturação do sistema nervoso começa com a experiência, e vai formar e manter com esta, vínculo entre o subjetivo e o objetivo, constituindo o fundamento e o sentido da vida psíquica²⁰.

Todo indivíduo tem necessidade não só de ser, mas também de afirmar seu próprio ser. Seu problema principal deixa de ser a mera sobrevivência física e passa a ser o de sobreviver com certa estima⁴⁰. E o fato da pessoa ter assumido "uma posição de vida não significa que ela se relacionará sempre a partir dessa posição. Significa tão somente que passará a maior parte do tempo nessa posição e manipulará ou interpretará a maioria de suas experiências de modo que sua decisão básica finalmente se confirme⁶⁰.

É importante enfatizar que, se a criança se sente estimada, amada, sua posição existencial e conseqüentes crenças serão formuladas de modo positivo; implicitamente ela se sentirá valorizada, o que é o oposto de sentir-se inferiorizada. Deste modo a crença não será considerada Argumental por não implicar em sentimento de inferioridade. Ser inferior é um sentimento atroz de Não Pertencer, ou simplesmente, de ser sozinho¹.

Em decorrência da posição existencial assumida na infância e, em conseqüência da percepção do valor de si própria e dos outros, a pessoa na vida adulta demonstrará preferência por um determinado papel. De modo geral esses papéis se resumem em três: Vítima, Perseguidor e Salvador^{12,15,16,55,58,60}. Os papéis são intercambiáveis bem como os sentimentos que os acompanham. No papel de Vítima a pessoa se sente importante e envergonhada; no de Salvador ela se sente culpada e, no de Perseguidor ela fica zangada. A família é o campo de treinamento para o jogo da Salvação que é, na verdade o treinamento para a incapacidade ou a impotência. As crianças são forçadas a assumir o papel de Vítima, enquanto os papéis de Salvador e de Perseguidor são modelados pelos pais. O papel de Perseguidor é o resultado inevitável dos papéis de Salvador e de Vítima. Qualquer pessoa que "salva" ajudando outra quando esta não ajuda a si mesma, inevitavelmente se zangará com aquela que está sendo salva e será perseguidora. Da mesma forma quando alguém está oprimida ou suplantada por outra pessoa ou situação, a Vítima colabora com o opres

sor, reduzindo seus sentimentos ao se sentir perseguida e/ou ao deixar de empregar toda sua força ou capacidade para superar a condição inferior⁵⁵

Na vida diária o indivíduo pratica atos ou passa por experiências que estimulam as velhas necessidades não satisfeitas, na medida em que surgem desejos na atualidade. Esses atos ou experiências são tentativas inconscientes de livrar-se de antigos conflitos instintivos com a finalidade de obter gratificação retardada de impulsos reprimidos ou, quando menos aliviar alguma tensão interna²¹.

O grau de tensão produzido por uma frustração está em função da intensidade dos motivos despertados e do poder e persistência da obstrução. Quanto mais tempo a pessoa ficar frustrada maior será a tensão. Os efeitos da tensão intensificada são construtivos, outros destrutivos. Se os efeitos construtivos da frustração não conseguirem provocar a obtenção do objetivo, a tensão continuará a aumentar. O efeito perturbador mais notável da frustração é a resposta agressiva que provoca. A emoção de raiva é despertada pelo bloqueio da obtenção do objetivo. A agressão pode ser vista como espécie de ataque ao obstáculo; neste sentido é um comportamento adaptativo. A agressão pode apresentar muitas formas diferentes: físicas, verbais, reais e fantásticas. Na maior parte das vezes a agressão é prejudicial porque impede que a pessoa enfrente eficientemente a barreira.

A raiva bem como o medo intenso prejudica os processos racionais. Mas, embora as explosões agressivas tendam a interferir na busca do objetivo imediato, existe também uma importante catarse que muitas vezes acompanha a agressão. Depois da libertação brusca e violenta da tensão na explosão da raiva, a pessoa pode tornar-se, temporariamente, capaz de ver claramente a situação, e talvez, de atingir o objetivo³⁴.

A agressividade é uma força natural no homem. É ela que permite ao indivíduo lutar contra o meio ambiente, impor-se e sobreviver. A educação imprópria, no entanto, vai provocar o seu descontrole. Assim, a agressividade pode se exacerbar, transformando-se em hostilidade, provocando atitude de rebelião contra a autoridade e de agressão contra o mundo, ou pode ser praticamente anulada ou, ainda, voltar-se contra o próprio indivíduo, provocando atitudes de retraimento e auto-flagelação moral³⁴.

Por conseguinte as pessoas com desenvolvimento saudável da personalidade têm crenças congruentes com a realidade em decorrência da percepção consciente de si mesma e dos outros como seres igualmente importantes e potencialmente capazes. As pessoas com problemas de desenvolvimento da personalidade tendem a uma compreensão deturpada de seu próprio valor e do valor dos outros. São pessoas com crenças de baixa auto-estima e de baixa autoconfiança, que, conseqüentemente têm crenças de super-

valorização dos outros e tendem a se submeter a agressão. Portanto, a percepção e interpretação distorcidas da realidade, ou em função das próprias satisfações pessoais são conseqüentes dos processos mentais mais primitivos utilizados por ocasião das cenas-chaves evocadas⁴².

Para explicar a formação e mudança das crenças existem duas teorias psicológicas clássicas: a teoria da dissonância cognitiva e a teoria da autopercepção³⁵.

A teoria da dissonância cognitiva postula que se um indivíduo for levado a um comportamento incoerente com suas crenças e atitudes experimentará o desconforto da dissonância cognitiva* e esta o induzirá a resolver a incongruência.

A teoria da autopercepção postula que a percepção das coisas pode ser alterada pelo conhecimento, motivação, estado emocional e outras condições fisiológicas.

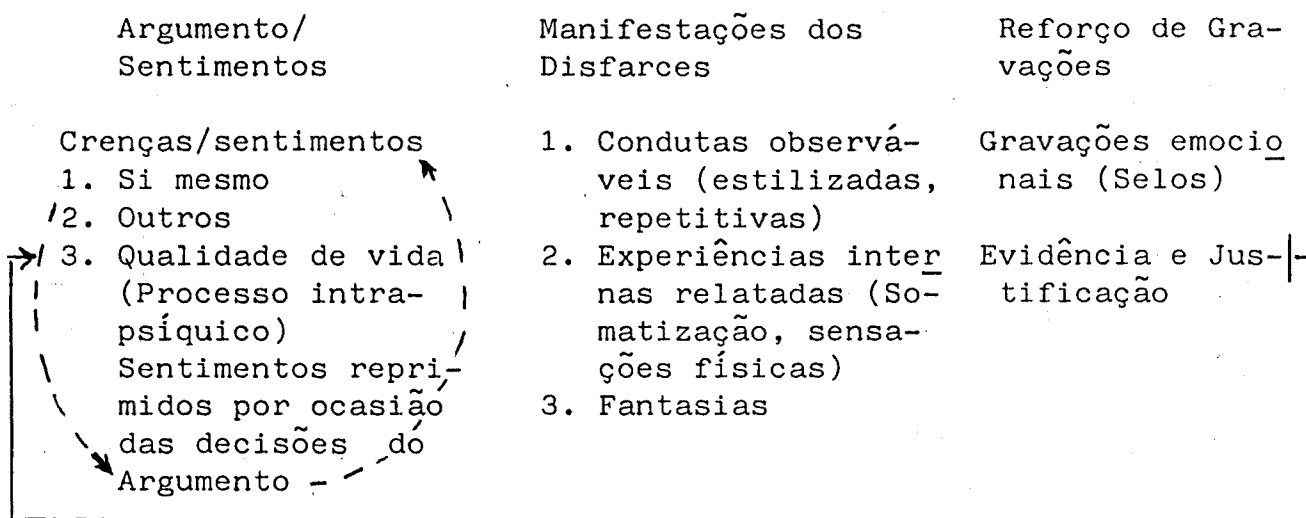
A Análise Transacional também se dedica ao estudo da gênese das crenças e de suas conseqüências nas relações interpessoais por meio da teoria da Análise dos Disfarces¹⁹.

Para se proceder à Análise dos Disfarces há que conhecer o modelo dito Sistema de Disfarces. Este é um "sistema

* Dissonância cognitiva³⁴ refere-se a uma percebida incongruência entre as atitudes de uma pessoa e o seu comportamento.

autoreforçador e distorcido de emoções, pensamentos e ações mantido por indivíduos amarrados a um Argumento"¹⁹. O sistema de disfarces compreende três componentes: as crenças e emoções do Argumento, as manifestações dos disfarces e as memórias reforçadoras, conforme se vê no esquema¹⁹ seguinte:

SISTEMA DE DISFARCES



feedback

Pelas teorias aqui descritas pode-se inferir que, se o comportamento é formado pelas crenças, sentimentos, memórias reforçadoras e atitudes, logo, a maneira de mudar as crenças ou qualquer um desses elementos, é mudando o comportamento.

Comportamento, segundo KERTÉSZ³², é "o que se sente, pensa, diz e faz". O que se sente e pensa constitui o comportamento subjetivo. O que se diz e faz constitui o comportamento objetivo. Por meio deste se pode deduzir e compreender grande parte do comportamento subjetivo, que não é captável pelos

sentidos. O que se pensa, sente, diz e faz interrelacionam-se de tal modo que, modificando-se algum desses elementos modificam-se os demais. Sob o ponto de vista humanístico as mudanças ocorrem de dentro para fora: mudando o que se pensa e sente, muda-se o que se diz e faz. Sob o ponto de vista comportamentalista as mudanças ocorrem de fora para dentro: mudando-se o que se diz e faz, muda-se o que se pensa e e sente.

Aceitando-se como válidos os dois enfoques pode-se contar com uma variedade de opções e táticas para modificar favoravelmente o comportamento; por exemplo, pode-se provocar alteração no comportamento em favor da coerência cognitiva, ou levar a pessoa a uma predisposição natural do conhecimento, ou mesmo, condicionada por instruções.

De modo geral diz-se que a mudança das crenças e atitudes se baseia em duas premissas básicas:

1. Tudo o que uma pessoa faz influencia o que ela é e o que sente a respeito de si mesma;
2. Os comportamentos não existem isoladamente, mas, agem uns sobre os outros, formando estruturas que se denominam organizações psicológicas.

Por conseguinte, quando um indivíduo aprende novas habilidades e modifica as próprias ações, pode modificar seus sentimentos e toda a estrutura de sua organização psicológica.

ca. Há, porém, necessidade de um treinamento em auto-afirmação para que possa ser criado um novo estilo de vida²².

Quando a percepção já está estabelecida pode-se provocar mudanças no padrão de estímulos por meio de pressão social, de persuasão pelos meios de comunicação social, pela influência de líderes de opinião, e pela mudança de papéis de determinados elementos nos grupos de referência.

Pela Teoria do Autopsicodrama e terapia Antiqueixa¹ o primeiro passo para mudar o comportamento e, conseqüentemente, as crenças, é fazer o cliente adquirir um claro entendimento do funcionamento da neurose de compulsão a queixar-se. Os passos são os seguintes:

1. registrar quando surgir uma emoção negativa que não emane do próprio eu adulto;
2. verbalizar essa emoção;
3. conscientizar-se de que é uma emoção da "criança queixosa" e de que essa emoção é uma justificação para sua autopiedade;
4. visualizar, com ajuda do terapeuta, a "criança queixosa"; e
5. submeter-se à hiperdramatização* com a participação do terapeuta.

* A hiperdramatização¹ - é a aplicação de uma força mental negligenciada. O uso do humor como mecanismo de autoregulação psíquica.

Já os analistas transacionais atuam na gênese e mudança das crenças por meio de terapia na qual o nível somático da manifestação de disfarces pode ser tratado com técnicas que mudam o nível corporal ou fisiológico do Argumento (massagens, bioenergética, yoga, etc.), por meio do trabalho gestáltico, ou da expressão de sentimentos primais; da conscientização e clarificação de pensamentos, sentimentos e objetivos, bem como de técnica de regressão, dentre as quais a da "cadeira vazia".

Em síntese, mudando-se o comportamento pode-se mudar um Argumento de Vida negativo em positivo, desde que as pessoas criem ou desenvolvam crenças para si de forma que produzam resultados positivos e sigam um roteiro estratégico⁵⁰:

- definir o objetivo a atingir;
- adotar medidas que criem a probabilidade de produzir o resultado desejado;
- desenvolver a percepção para reconhecer e/ou reparar as respostas que estão levando ou afastando do objetivo;
- desenvolver a flexibilidade para mudar o comportamento até conseguir o que pretende.

3. PLANO DE PESQUISA

O plano desta pesquisa compreende os seguintes elementos:

3.1 Objeto da Pesquisa

Esta pesquisa tem por objeto o estudo das crenças que constituem o Argumento da Vida das mulheres que sofreram agressão de seus maridos ou companheiros.

Para facilitar o entendimento deste estudo define-se, a seguir, crença e agressão:

Crenças - "são decisões tomadas sobre si, sobre os outros e sobre a vida"¹⁹. Podem ser expressas por meio de frases tais como: "Eu não sou importante" (crença sobre si mesmo); "Os homens são brutos" (crença sobre os outros); "A vida é sofrimento" (crença sobre a qualidade de vida).

Para fins deste trabalho as crenças sobre si e sobre os outros serão categorizadas em crenças de auto-estima, de autoconfiança e sobre o valor do parceiro. As crenças sobre a qualidade de vida serão consideradas decorrentes.

Agressão - "é o contato com o intento de ferir, de causar sofrimento, de arrebatando o poder de outrem para a própria proteção ou, simplesmente, para aumentar o próprio poder"⁴¹.

O estudo das crenças é de grande importância para a compreensão da comunicação da personalidade com o mundo. A ma

neira de pensar, sentir ou comportar-se, tal como é constituída pelo processo de socialização e pelos papéis representados na vida, constitui a personalidade que existe no comportamento objetivo da estrutura Eu-Mundo.

3.2 Objetivos da Pesquisa

São objetivos desta pesquisa:

- Verificar se há diferença de crenças nas diversas categorias identificadas pelas respondentes do grupo da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de São Paulo e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda.
- Comprovar se as respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher têm crenças de baixa autovalorização em comparação com as respondentes do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda.
- Verificar se o grupo de respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de São Paulo e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda possuem crenças de baixa autovalorização, bem como crenças de alta valorização do parceiro.
- Medir a relação existente entre a baixa autoestima das mulheres da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de São Paulo e do Centro de

Saúde Rubens Monteiro Arruda e o vínculo marital.

- Medir a relação existente entre o grupo de respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de São Paulo e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda e o fato da mulher trabalhar e ganhar para o auto-sustento.
- Medir a relação existente entre o grupo de respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de São Paulo e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda e o fato dessas mulheres terem sido agredidas pelos pais ou outras pessoas.
- Verificar a significância do fato das respondentes do grupo de mulheres da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da mulher de São Paulo e do grupo de mulheres do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda terem presenciado agressão recíproca dos pais ou agressão sofrida por eles, de outras pessoas.
- Verificar a significância do fato das respondentes do grupo de mulheres da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de São Paulo e do grupo de mulheres do Centro de Saúde Rubens Monteiro

ro Arruda viverem na companhia de marido ou companheiro que costuma embriagar-se.

- Verificar a relação existente entre o grupo de respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de São Paulo e do grupo de respondentes do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda e o fato da mulher ficar calada ou quieta diante de agressões verbais do marido ou companheiro.
- Verificar se existe relação entre as frases típicas e o fato da mulher respondente ter ou não sofrido agressão do marido ou companheiro.
- Identificar as frases típicas de maior frequência apresentadas pelas respondentes do grupo de mulheres da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de São Paulo e do grupo do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda.

3.3 Métodos utilizados

3.3.1 - Estudos exploratórios

Com a finalidade de conhecer as categorias da variável crenças, bem como de aprimorar o instrumento da pesquisa foram realizados estudos exploratórios em quatro etapas, com metodologias próprias. Utilizou-se um questionário com res-

postas não estruturadas e a fórmula de PAMELA LEVIN³². No conjunto, as etapas constituíram um trabalho harmônico e coordenado que permitiu o conhecimento da realidade.

3.3.2 - Populações

As populações correspondentes a ambos os grupos estudados constituíram-se predominantemente de mulheres das classes média e baixa, cujas idades variavam de 14 a 60 anos. A maior parte delas tinha o 1º Grau incompleto.

3.3.3 - Os Grupos

Tratando-se de uma pesquisa experimental foram selecionados dois grupos de sujeitos: o grupo experimental e o grupo controle. Esses grupos diferiram quanto a variável experimental - agressão - aplicada ao grupo experimental e não aplicada ao grupo controle.

3.3.3.1 - Grupo Experimental

Constituído de mulheres que sofreram agressão dos maridos ou companheiros e foram atendidos na 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher, em Santo Amaro, município de São Paulo; tinham na ocasião da realização da pesquisa entre 18 e 46 anos; eram casadas legalmente ou viviam maritalmente sob o mesmo teto.

3.3.3.2 - Grupo Controle

Constituído de mulheres no ambulatório de Gine-

cológia e Obstetrícia do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda, em Santo Amaro, município de São Paulo, que aguardavam serem submetidas a exame preventivo de câncer do colo uterino. No momento em que eram convidadas a participar da entrevista a pesquisadora perguntava-lhes se alguma vez, por algum motivo, tinham sofrido agressão física de seus maridos. Foram selecionadas para as entrevistas aquelas que declaravam não ter sofrido nenhuma agressão por parte do marido ou companheiro. As selecionadas apresentavam os mesmos limites de idade e o mesmo estado marital que as mulheres do grupo experimental.

3.3.4 - As Variáveis

3.3.4.1 - Seleção das Variáveis

As dificuldades iniciais encontradas na abordagem do tema decorreram do fato da pesquisadora desconhecer a existência de outros trabalhos de investigação sobre o assunto, como também desconhecer as crenças específicas de mulheres que sofreram agressão. A primeira dificuldade foi contornada com a utilização da bibliografia consultada e referida no final deste trabalho. A segunda foi superada por meio dos estudos exploratórios. A escolha das variáveis foi feita com base nas pesquisas exploratórias e com a utilização do questionário não estruturado e da fórmula de PAMELA LEVIN (Anexo 8).

3.3.4.2 - Variável Dependente

Como foi dito o grupo experimental cons

tituiu-se à base de mulheres que sofreram agressão por parte de seus maridos ou companheiros, qualidade esta que as distinguia das mulheres do grupo controle.

Para efeito de análise deste trabalho a variável dependente passou a ser a crença, em vez da agressão, levando em conta que, de conformidade com a teoria apresentada, é a crença que gera a agressão. Ou mais precisamente, a crença de autovalorização da mulher em relação ao marido. A comparabilidade entre os dois grupos, experimental e controle, será esclarecida com os descritores amostrais.

Criou-se, portanto, um aparente paradoxo, segundo o qual os grupos não foram classificados pela característica que os distingue, mas, sim por uma de suas conseqüências, que se deseja conhecer na pesquisa.

A variável experimental foi, primariamente, caracterizada em crenças relativas à auto-estima e crenças relativas à autoconfiança e de valorização do parceiro.

Espera-se que as mulheres agredidas apresentem o comportamento observável indicado pelas categorias das questões nº 4, 11, 16, 18, 20 e 22 do questionário (anexo 2), além dos itens II, V, VIII, IX, X, XII, XIV, XV, XVI, XVII da questão 25, respondidos "Acredito".

Este padrão se baseia no fato de inferir-se que,

se a mulher se valoriza, isto é, se tem auto-estima e autoconfiança, ela buscará o que é bom e agradável e evitará o que é desagradável e, ainda, saberá se proteger (dar-se-á autoproteção). Para haver auto-estima e autoconfiança é necessário ter crenças objetivas de auto merecimento e de capacidade própria, por exemplo: "Eu mereço, eu sou capaz". As mulheres que acreditam que merecem e que são capazes valorizam-se na vida e nos relacionamentos; isto é, têm alta auto-estima e alta autoconfiança; consequentemente, têm alta autovalorização. Se, porém a mulher tiver baixa autovalorização (baixa auto-estima e/ou autoconfiança) não terá mecanismos de defesa (autoproteção) apresentando, portanto, crenças negativas de não merecimento e de incapacidade.

O estudo da autovalorização da mulher, variável básica, inclui portanto, crenças a respeito do que as mulheres sentem em relação ao homem com quem estão casadas, crenças a respeito do que supõem ser o homem em relação às mulheres com quem estão casados e crenças a respeito dos motivos que levam uma mulher a necessitar de um homem a seu lado, bem como crenças vinculadas à expectativa catastrófica nos casos de busca de autoproteção.

3.3.4.3 - Variáveis Independentes

As variáveis independentes apresentadas e estudadas sobretudo, como descritores amostrais são as seguintes:

- Idade
- Escolaridade
- Estado marital
- Número de filhos que moram na companhia da respondente
- Trabalho remunerado da respondente para o auto-sustento e/ou da família
- Tempo mínimo de convivência da respondente com um ou ambos os pais na infância
- Sentimento de medo sentido em relação ao pai, na infância
- Sentimento de medo sentido em relação à mãe, na infância
- Sentimento de raiva sentido em relação ao pai, na infância
- Sentimento de raiva sentido em relação à mãe, na infância
- Espancamento sofrido dos pais ou de outros, na infância, ou testemunhado com relação aos pais
- Estado de embriaguês dos pais ou de familiares presenciado na infância
- Hábito de embriaguês do marido.

3.3.5 - Amostras

De cada população de mulheres atendidas na 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher e no Centro de

Saúde Rubens Monteiro Arruda, na zona sul de São Paulo, Capital, foi obtida uma amostra de igual tamanho (n=190).

A amostra de 190 indivíduos por grupo, foi selecionada pelo processo de amostragem não probabilística, por conveniência e a esmo. Estabeleceu-se um período de três meses como critério de conveniência, não sendo porém, representativa da população do município de São Paulo, sequer da área de Santo Amaro. Por ela não é possível apresentar-se conclusões generalizantes. Todavia é representativa, mesmo limitadamente, da população que procurou a 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher e da população que procurou o ambulatório de Ginecologia e Obstetrícia do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda, zona sul do município de São Paulo, no período de 8 de agosto a 17 de outubro de 1988.

As entrevistas realizadas na 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher obedeceram também a um critério: ter sofrido agressão do marido. A triagem dos casos ficou a cargo da policial encarregada, rotineiramente, dessa função na Delegacia.

As entrevistas no ambulatório de ginecologia e obstetrícia do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda realizaram-se no período de tempo em que as respondentes aguardavam suas consultas médicas. Nessa ocasião elas eram triadas pela pesquisadora, segundo o critério de não ter sofrido agressão do marido nem no passado, nem no presente.

3.3.6 - Instrumento de Medida

Foi utilizado como instrumento de medida o questionário (Anexo 2) aplicado pela pesquisadora.

O questionário foi dirigido tanto às mulheres que sofreram agressão de seus maridos como às mulheres que não sofreram agressão dos maridos ou companheiros.

O instrumento de medida constituiu-se de três partes: questões relativas à variável dependente; questões relativas às variáveis independentes e/ou descritores amostrais e, as relativas aos avaliadores do estado emocional da respondente.

A variável dependente crença, está categorizada em seus três aspectos valorativos, e será apresentada seguida do número correspondente das questões do questionário. Após, citar-se-ão as variáveis independentes e, por último enunciar-se-ão os avaliadores do estado emocional da respondente.

3.3.6.1 - Variável Dependente

A variável dependente CRENÇAS ARGUMENTAIS foi categorizada em:

- 1 - crenças de auto-estima
- 2 - crenças de autoconfiança
- 3 - crenças sobre o valor do parceiro

As crenças categorizadas foram medidas pelas se-

guintes questões:

1 - Crenças de auto-estima

1.1 - Relativas à alta auto-estima

Q.25- Item I - Os homens compreendem as mu
lheres.

Item IV - Quando o marido não presta
manda-se ele capinar.

Q.11- Atitude da mulher durante discussão
com o marido:

Item VIII- O melhor para a mulher é de
femder-se.

Item IX - Demonstrar desprezo pelo ma
rido.

Q.13- Em caso de Agressão a mulher deve:

Item IV - Reagir de alguma forma

Item V - Separar-se do marido

Item VI - Demonstrar desprezo pelo ma
rido.

Item VII- Proceder de forma que o ma-
rido se sinta culpado.

Item X - Chamar a polícia na hora.

Item XI - Queixar-se depois da briga
na Delegacia da Mulher.

Q.22- Soluções diante da frustração

Item VI - Separar-se do marido.

Item VII- Buscar outra solução.

1.2 - Relativas à baixa auto-estima

Q.4 - Modo como as mulheres se sentem em relação ao homem com quem estão casadas.

Q.9 - Motivos que levam a mulher a querer um homem ao seu lado.

Q.25- Item II - As mulheres são protegidas pelos homens.

Item V - Ruim com ele, pior sem ele.

Item VII- A mulher é inferior ao homem.

Item XI - É melhor aguentar do que sentir remorso depois.

Item XIV- É melhor morrer que viver sofrendo.

Item XV - Há mais vantagem em ser quieta do que ser enérgica.

Item XVI- Saber amar é saber perdoar.

2 - Crenças de autoconfiança

2.1 - Relativas à alta autoconfiança

Q.25- Item III- Quando se dá colher de chá ao marido logo ele quer o vidro todo.

Item VI - A mulher sabe se defender

quando agredida.

Item XII- A separação resolve o problema.

Item XIII- Na vida só se vence com preparo.

2.2 - Relativas à baixa autoconfiança

Q.11- Atitude da mulher durante ou após discussão com o marido ou companheiro.

Q.13- Atitude da mulher durante ou após agressão física do marido ou companeiro.

Q.18- Expectativa catastrófica da mulher diante do dilema de enfrentar ou revidar as agressões do marido ou companeiro.

Q.20- Objetivos considerados pela mulher difíceis de serem atingidos.

Q.22- Soluções adotadas pelas mulheres diante da frustração de não obter aquilo que almejam.

Q.25- Item VIII- Só dentro de casa há segurança.

Item IX - As mulheres vivem encurraladas: se ficar o bicho pega, se correr o bicho come.

Item X - Em briga de marido e mulher,
ninguém mete a colher.

Item XIII- Depois da agressão a coisa
mais difícoil é a reconciliação.

Item XVII- É inútil esperar que os sonhos se tornem realidade.

3 - Crenças sobre o valor do marido ou companheiro

3.1 - Relativas à alta valorização do parceiro

Q.6 - Modo como os homens são percebidos por suas mulheres.

Q.16- Comportamento perigoso da mulher quando não há entendimento com o marido ou companheiro.

3.3.6.2 - Variáveis Independentes

Como foi dito, anteriormente, as variáveis independentes foram usadas principalmente como descritores das características do grupo experimental e do grupo controle. As questões relativas são as seguintes:

Q.26- Idade, medida em anos completos

Q.27- Escolaridade da respondente

Q.28- Estado marital

Q.29- Número de filhos que moram na companhia da respondente

- Q.30- Trabalho remunerado da respondente para o
autosustento e/ou da família
- Q.31- Número de salários recebidos
- Q.32- Tempo mínimo de convivência da respondente,
com um ou ambos os pais
- Q.33- Sentimento de medo sentido em relação ao
pai, na infância
- Q.34- Sentimento de medo sentido em relação à mãe,
na infância
- Q.35- Sentimento de raiva sentido em relação ao
pai, na infância
- Q.36- Sentimento de raiva sentido em relação à
mãe, na infância
- Q.38- Espancamento sofrido dos pais ou de outros,
na infância ou testemunhado com relação aos
pais
- Q.40- Estado de embriaguez dos pais ou de familiares,
presenciados na infância
- Q.41- Hábito de embriaguez do marido.

3.3.6.3 - Avaliadores do estado emocional

Foram inseridas no questionário quatro questões referentes à avaliação do estado emocional: duas respondidas pela pesquisadora e duas pela respondente. Duas foram feitas no início do questionário e duas no final.

- Q.1- Avaliação intuitiva da pesquisadora

Q.2- Auto-avaliação da respondente

Q.43- Avaliação intuitiva da pesquisadora

Q.44- Auto-avaliação da respondente

Estas questões apresentam dupla finalidade:

- a) Verificar as possíveis modificações do estado emocional da respondente entre o início e o término da pesquisa (Pretendeu-se, com isso, verificar se o conteúdo da pesquisa seria capaz de exercer algum tipo de influência emocional na respondente, tanto no sentido positivo como no negativo).
- b) Verificar o grau de similitude entre as avaliações da pesquisadora e da respondente.

3.4 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada entre oito de agosto e dezessete de outubro de 1988; todos os dias, exceto aos sábados e domingos. No período da manhã as entrevistas foram realizadas com populações atendidas no Centro de Saúde "Dr. Rubens Monteiro Arruda" e no período da tarde na "2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher".

Foram entrevistadas 190 mulheres em cada local. Somente a pesquisadora atuou na coleta de dados.

Todas as entrevistas foram individuais, precedi-

das de uma apresentação (ver Anexo 1), realizadas em local em que foi assegurada privacidade às respondentes. Ao iniciar a entrevista a pesquisadora lia o "rapport" e, em seguida, entregava à respondente cartões-respostas plastificados para que mais facilmente pudesse escolher a opção adequada à sua realidade. Quando a respondente não sabia ler, as respostas eram lidas, uma só vez, lentamente, pela pesquisadora. Para as variáveis independentes não foi utilizado o cartão-resposta, cujas opções eram lidas pela pesquisadora. O tempo médio para a realização de cada entrevista foi vinte minutos.

3.5 Procedimentos Estatísticos

Os resultados, com o recurso de Tabelas, obedecem a uma ordenação lógica e facilitam a aplicação de procedimentos estatísticos, tanto sobre alguns aspectos das características dos grupos amostrais, como de cada aspecto das variáveis independentes e da dependente.

Os procedimentos estatísticos empregados são a porcentagem, o valor escalar médio (VEM), o teste do qui quadrado e o Q de Yule.

As porcentagens representam o número de casos de cada categoria; são utilizados, sobretudo, para a análise das tabelas com respostas associadas a cujos resultados não se aplicou teste de qui quadrado.

O VEM é um artifício cuja finalidade é reduzir várias respostas a um único valor, utilizando-se para seu cálculo a média ponderada. O VEM não substitui os valores percentuais correspondentes às variáveis qualitativas, porém, permite que se aprecie os resultados sob ângulo diferente.

Para efeito de medição do VEM da Q.25 foram atribuídos a cada frase os valores (+1) e (-1), respectivamente, para os itens "Acredita" "Não acredita". Contudo, predominam questões negativas em que o sentido da medição do VEM foi invertido. Os sinais negativos e positivos variaram de acordo com a expectativa da pesquisadora. No cálculo do VEM desta questão foram consideradas, apenas, as respostas "Acredito" "Não acredito". As respostas "Depende" foram excluídas por serem de difícil caracterização na pesquisa.

Os dados desta pesquisa consistem, ainda, de frequências em categorias discretas (nominais); por essa razão, usou-se a prova X^2 para determinar a significância das diferenças entre o grupo experimental e o grupo controle. A hipótese a ser comprovada é a de que o grupo de respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de São Paulo e o grupo de respondentes do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda, Capital de São paulo, diferem em relação a cada característica, isto é, diferem quanto a frequência relativa com que os componentes dos grupos se enquadram nas diversas categorias. Utilizou-se a distribui-

ção do X^2 a um nível de significância de 1%. E o coeficiente de Yule (2), como medida de associação.

4. RESULTADOS

4.1 Considerações Preliminares

Esta pesquisa se baseia, fundamentalmente, na comparação dos resultados referentes aos grupos atendidos na 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher e ao grupo atendido no Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda, na Grande São Paulo.

4.2 Descrições das Amostras

Em conjunto, a descrição das amostras constituem o grupo experimental e o grupo controle. Os resultados obtidos permitem inferir informações sobre as populações participantes da pesquisa.

Os dois grupos são semelhantes e comparáveis quanto à idade, escolaridade, número de filhos, números de salários mínimos recebidos por aquelas que trabalham para o auto-sustento, tempo de convivência mínima com os pais (na infância); comparáveis quanto aos sentimentos de medo e de raiva sentidos em relação aos pais; e quanto ao fato de seus pais ou familiares se embriagarem. Ver Tabelas nrs 1 a 10. (Anexo 4).

4.3 Variáveis Independentes

As variáveis independentes são apresentadas em tabelas conjuntas. Os grupos diferiram quanto ao estado marital, trabalho remunerado para o auto-sustento da respondente e quanto a terem sofrido espancamento de outro familiar que não seus pais;

diferiram também quanto ao fato da respondente ter presenciado o próprio pai bater em sua mãe e, quanto ao hábito do marido embriagar-se. As diferenças foram comprovadas pelos testes estatísticos de qui quadrado e, algumas, pelo Q de Yule. Ver Tabelas nrs 11 a 14 apresentadas a seguir:

TABELA 11: Estado marital das respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

ESTADO MARITAL	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Casada no civil	56	29,5	44	23,1
Casada no religioso	3	1,6	5	2,6
Casada no civil e no religioso	60	31,6	92	48,5
Vive com companheiro	71	37,3	49	25,8
TOTAL	190	100,0	190	100,0

Os dados apresentados na Tabela 11 permitem verificar existir uma associação estatisticamente significativa entre o estado marital sem vínculo formal de casamento e ambos os grupos de respondentes.

O X^2 encontrado foi de 12,710, maior do que o valor crítico $X^2 = 11,345$, a nível de 1% de significância, com 3 graus de liberdade.

TABELA 12: Trabalho remunerado para o auto-sustento das respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

Trabalho Remunerado	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Sim	108	56,9	66	34,7
Não	82	43,1	124	65,3
TOTAL	190	100,0	190	100,0

Com os dados da Tabela 12 verificou-se haver uma associação estatisticamente significativa entre o exercício do trabalho remunerado para o auto-sustento e ambos os grupos de respondentes.

O X^2 encontrado foi de 18,701 maior do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, a nível de 1% de significância e 1 grau de liberdade. O coeficiente de Yule foi $Q = 0,42$, indica também associação positiva moderada.

TABELA 13: Espancamento sofrido na infância e agressão sofrida pelos pais e presenciada pelas respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

ESPANCAMENTO SOFRIDO OU PRESENCIADO	DPDM (n=190)				CSRMA (n=190)			
	SIM		NÃO		SIM		NÃO	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Apanhou do pai	102	54,0	88	46,0	109	57,4	81	42,6
Apanhou da mãe	141	74,2	49	25,8	133	70,0	57	30,0
Apanhou de outro familiar	55	29,0	135	71,0	33	17,4	157	82,6
Viu o pai bater na mãe	56	29,5	134	70,5	31	16,3	159	83,7
Viu a mãe bater no pai	15	7,9	175	92,1	7	3,7	183	96,3
Viu alguém bater no pai ou na mãe	16	8,5	174	91,5	18	9,5	172	90,5

A Tabela acima indica que há uma associação estatisticamente significativa entre o fato da respondente ter sido espancada na infância por outro membro da família (que não seus pais), ter visto sua mãe ser agredida por seu pai, e pertencer aos dois grupos amostrais.

Para o fato da respondente ter sido espancada, na infância, por pessoas da família foi encontrado o X^2 de 7,157, maior do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, a nível de 1% de significância, com 5 graus de liberdade.

Para o fato da respondente ter visto na infância sua mãe ser agredida por seu pai, foi encontrado o X^2 de 9,236,

maior do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, a nível de 1% de significância e 5 graus de liberdade.

TABELA 14: Hábito de embriaguês dos maridos das respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda(CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

Hábito de Embriaguês do Marido	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Sim	129	67,9	51	26,8
Não	61	32,1	139	73,2
TOTAL	190	100,0	190	100,0

Com os dados acima verificou-se haver uma associação estatisticamente significativa entre o hábito de embriaguês do marido e ambos os grupos de respondentes.

O X^2 encontrado foi de 70,946, maior do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, a nível de 1% de significância e 1 grau de liberdade. O coeficiente de Yule foi $Q = 0,70$, indicando que a associação é positiva e muito forte.

4.4 Variável Dependente

De acordo com cada questão da variável dependente dois tipos de valores foram obtidos:

- no primeiro as respondentes indicaram até três respostas, cujos resultados são apresentados, separadamente, por grupo amostral, somatório, e em ordem decrescente de frequências relativas, o que dispensa maiores comentários. São dados complementares que constituem as Tabelas 25 a 42, e por essa razão constam do Anexo 5;
- no segundo as respondentes destacaram dentre as três, apenas uma resposta como sendo a mais importante. Os resultados dos dois grupos são apresentados em tabelas conjuntas para facilitar a análise comparativa por decrescente de preferência. A eles foram aplicados teste de qui quadrado. Ver Tabelas 15 a 23 nas páginas 55 a 66.

Adotou-se critério diferente para a apresentação da questão 25. O resultado foi analisado por meio do valor escalar médio. Ver Tabela 24, página 67.

Ao analisar os resultados das Tabelas 15 a 23 acima referido, observou-se haver diferença significativa entre os

dois grupos de respondentes quanto às crenças das mulheres sobre si mesmas, quanto ao modo de ser de seus maridos, quanto às atitudes da mulher durante ou após discussão com o marido; quanto à expectativa catastrófica da mulher diante do dilema de enfrentar ou revidar as agressões de marido; quanto aos objetivos considerados pela mulher, difíceis de serem atingidos e, quanto as soluções adotadas pelas mulheres diante da frustração de não obterem aquilo que almejam.

TABELA 15: Resposta simples sobre o modo como as mulheres se sentem em relação ao homem com quem estão casadas, segundo as respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo (SP), 1988.

MODO COMO AS MULHERES SE SENTEM EM RELAÇÃO AO HOMEM COM QUEM ESTÃO CASADAS	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
I - Acomodadas	5	2,6	32	16,8
II - Amedrontadas	39	20,5	14	7,4
III - Decepcionadas	26	13,7	14	7,4
IV - Dependentes	5	1,6	34	17,9
V - Desvalorizadas	52	27,4	23	12,1
VI - Incompreendidas	17	9,0	22	11,6
VII - Indecisas	16	8,4	15	7,9
VIII - Obedientes	5	2,6	20	10,5
IX - Sufocadas	25	13,2	16	8,4
TOTAL	190	100,0	190	100,0

A Tabela 15 indica que há uma associação estatisticamente significativa desta crença sobre o modo como as mulheres se sentem em relação ao homem com quem estão casadas e os dois grupos amostrais. Encontrou-se o $X^2 = 20,900$, a nível de 1% de significância, com 8 graus de liberdade. A resposta mais importante destacada pelas respondentes do grupo experimental (DPDM) e de maior frequência, foi aquela em que as mulheres se percebem "desvalorizadas" (27,4%). A segunda de maior frequência foi "amedrontadas" (20,5%), enquanto que as respondentes do grupo controle (CSRMA) consideram-se mais "dependentes" (17,4%) e "acomodadas" (16,8%).

TABELA 16: Respostas simples sobre como os homens demonstram ser em relação às mulheres com quem estão casados, segundo as respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

COMO OS HOMENS DEMONSTRAM SER EM RELAÇÃO ÀS MULHERES COM QUEM ESTÃO CASADOS	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
I - Mandões	25	13,1	43	22,6
II - Covardes	34	17,9	8	4,2
III - Durões	5	2,6	20	10,5
IV - Falsos	14	7,4	14	7,4
V - Incompreensíveis	25	13,1	42	22,1
VI - Mentirosos	15	7,9	13	6,8
VII - Mulherengos	16	8,5	26	13,7
VIII- Violentos	56	29,5	24	12,7
TOTAL	190	100,0	190	100,0

A Tabela 16 indica que há uma associação estatisticamente significativa entre a crença quanto ao modo como os homens demonstram ser em relação às mulheres com quem estão casados e os dois grupos amostrais de respondentes. Encontrou-se o X^2 de 49,497 maior do que o valor crítico $X^2 = 18,475$, a nível de 1% de significância e com 7 graus de liberdade. Observou-se que para o grupo de Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) a resposta de maior frequência foi a de que os homens são "violentos" (29,5%), seguida de "covarde" (17,9%), enquanto que no grupo do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA) a maior frequência de respostas foi de "mandões" (22,6%) e "incompreensíveis" (22,1%).

TABELA 17: Respostas simples sobre os motivos que levam uma mulher a querer um homem ao seu lado, segundo as respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

MOTIVOS QUE LEVAM UMA MULHER A QUERER UM HOMEM AO SEU LADO	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
I - Ter amor	45	23,7	56	29,5
II - Receber carinho	22	11,6	23	12,1
III - Receber apoio	24	12,6	10	5,3
IV - Ter um lar	18	9,5	17	9,0
V - Garantir sua alimentação	0	0,0	0	0,0
VI - Ter diálogo	9	4,7	11	5,8
VII - Ser compreendida	11	5,8	16	8,5
VIII - Ter segurança	7	3,7	9	4,7
IX - Não se sentir só	7	3,7	9	4,7
X - Ser respeitada	37	19,5	31	16,3
XI - Não ser explorada pelos outros	5	2,6	2	1,0
XII - Não ser humilhada pelos outros	5	2,6	4	2,1
XIII - Ter com quem dividir as tarefas domésticas	0	0,0	2	1,0
TOTAL	190	100,0	190	100,0

Os resultados apresentados nas Tabelas 17, 19 e 20 indicam que as crenças nelas contidas são semelhantes e comparáveis, não havendo diferenças significantes entre os grupos de respondentes da 2ª Delegacia de polícia de Defesa da Mulher e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda. A resposta de maior frequência apresentada na Tabela 17, por ambos os grupos quanto a

crença acerca dos motivos que levam uma mulher a querer um homem a seu lado foi "ter amor" (23,7% e 29,5%, respectivamente para o grupo experimental e controle).

TABELA 18: Respostas simples sobre as atitudes da mulher durante ou após discussão com o marido das respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

ATITUDES DA MULHER DURANTE OU APÓS DISCUSSÃO COM O MARIDO	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
I - Chorar	22	11,6	14	7,4
II - Ficar quieta	15	7,9	3	1,6
III - Engolir a raiva	1	0,5	0	0,0
IV - Chorar e pedir perdão pelo erro	1	0,5	3	1,6
V - Aconselhar o marido	28	14,7	38	20,0
VI - Esclarecer a responsabilidade de cada um	38	20,0	72	37,9
VII - Deixar o problema passar e esfriar a cabeça	29	15,3	27	14,2
VIII- Defender-se	30	15,8	17	8,9
IX - Demonstrar desprezo pelo marido	26	13,7	16	8,4
TOTAL	190	100,0	190	100,0

Na Tabela 18 os resultados indicam que há uma associação estatisticamente significativa entre as crenças quanto as atitudes da mulher durante ou após discussão com o marido e os grupos de respondentes da DPDM e do CSRMA da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher. O X^2 encontrado foi 29,850 maior do que o valor crítico $X^2 = 29,090$, a nível de 1% de significância e com 8 graus de liberdade. A resposta de maior frequência dentre as mais importantes é "esclarecer a responsabilidade de cada um" (20,0% e 37,9%) para o grupo experimental e para o grupo controle respectivamente.

TABELA 19: Resposta simples sobre as atitudes da mulher durante ou após sofrer agressão física do marido ou companheiro, segundo as respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

ATITUDE DA MULHER DIANTE OU APÓS SOFRER AGRESSÃO FÍSICA DO MARIDO	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
I - Chorar	1	0,5	3	1,6
II - Ficar quieta	0	0,0	1	0,5
III - Engolir a raiva	1	0,5	0	0,0
IV - Reagir de alguma forma	37	19,5	41	21,6
V - Separar-se do marido	48	25,3	44	23,1
VI - Demonstrar desprezo pelo marido	12	6,3	25	13,2
VII - Proceder de forma que o marido se sinta culpado	13	6,8	11	5,8
VIII- Aguentar a agressão com resignação na esperança que o marido mude	6	3,1	3	1,6
IX - Mostrar ao marido que seu amor é grande e capaz de perdoar	9	4,8	6	3,1
X - Chamar a polícia na hora	20	10,5	19	10,0
XI - Queixar-se depois da brigada na Delegacia da Mulher	43	22,7	37	19,5
TOTAL	190	100,0	190	100,0

A maior frequência quanto às atitudes da mulher durante ou após sofrer agressão física do marido foi "separar-se do marido" (25,3% e 23,1%, respectivamente para o grupo experimental e controle).

TABELA 20: Respostas simples sobre o comportamento perigoso da mulher quando não há entendimento com o marido, segundo as respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

COMPORTAMENTO PERIGOSO DA MULHER QUANDO NÃO HÁ ENTENDIMENTO COM O MARIDO	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
I - Pedir ajuda	3	1,6	3	1,6
II - Abandonar o lar	22	11,6	30	15,8
III - Sair com as amigas para se divertir	32	16,8	23	12,1
IV - Mandar o marido embora	5	2,6	7	3,7
V - Enfrentar o marido e reagir	27	14,2	18	9,5
VI - Insistir na reconciliação	7	3,7	1	0,6
VII - Aguentar os maus tratos com resignação	8	4,2	5	2,6
VIII- Vingar-se do marido	32	16,8	44	23,1
IX - Provocar o marido fazendo coisas que ele não gosta	54	28,5	59	31,0
TOTAL	190	100,0	190	100,0

A resposta de maior frequência quanto ao comportamento perigoso da mulher quando não há entendimento com o marido foi "provocar o marido fazendo coisas que ele não gosta" (28,5% e 31,0%, respectivamente para o grupo experimental e controle).

TABELA 21: Resposta simples sobre a expectativa catastrófica da mulher diante do dilema de enfrentar ou revidar as agressões do marido, segundo as respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

EXPECTATIVA CATASTRÓFICA DA MULHER DIANTE DO DILEMA DE ENFRENTAR OU REVIDAR AS AGRESSÕES DO MARIDO	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
I - Ser abandonada pelo marido	12	6,3	22	11,6
II - Ser mais agredida pelo marido	68	35,8	47	24,8
III - Perder o respeito dos filhos	4	2,1	18	9,5
IV - Ser criticada pelos outros	9	4,8	9	4,7
V - Ser morta pelo marido	62	32,6	57	30,0
VI - Ver o marido matar alguém da família	12	6,3	4	2,1
VII - Ser expulsa de casa e sofrer na casa dos outros	13	6,8	19	10,0
VIII - Ser expulsa de casa e não poder sustentar os filhos	7	3,7	5	2,6
IX - Ser expulsa de casa e cair na vida	3	1,6	9	4,7
TOTAL	190	100,0	190	100,0

os resultados apresentados na Tabela 21 indicam associação estatisticamente significativa entre a crença catastrófica da mulher diante do dilema de enfrentar ou revidar as agressões do marido e ambos os grupos de respondentes. O X^2 encontra

do foi 24,353, maior do que o valor crítico $X^2 = 20,090$ a nível de 1% de significância e 8 graus de liberdade. A resposta de maior frequência encontrada no grupo experimental é a expectativa de "ser mais agredida pelo marido" (35,8%); a segunda é o medo de vir a "ser morta pelo marido" (32,6%), enquanto no grupo controle foi também a crença de vir a ser morta pelo marido (30,0%).

TABELA 22: Respostas simples sobre os objetivos considerados pela mulher, difíceis de serem atingidos, segundo as respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Aruda (CSRMA), São Paulo(SP), 1988.

OBJETIVOS CONSIDERADOS PELA MULHER, DIFÍCEIS DE SEREM ATINGIDOS	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
I - Sustentar a família sozinha	32	16,9	68	35,8
II - Mudar o marido para melhor	68	35,8	26	13,7
III - Ser valorizada pelos homens	25	13,2	21	11,0
IV - Receber a confiança dos homens	6	3,1	8	4,2
V - Ser respeitada pelos homens	13	6,9	14	7,4
VI - Dialogar de igual para igual com os homens	13	6,9	14	7,4
VII - Obter carinho do marido	12	6,3	6	3,1
VIII - Receber a atenção que desejam	9	4,7	9	4,7
IX - Ajustar-se ao marido quando em conflito	6	3,1	3	1,6
X - Livrar-se das tarefas domésticas rotineiras	6	3,1	21	11,0
TOTAL	190	100,0	190	100,0

A Tabela 22 indica que há uma associação estatisticamente significativa entre os grupos quanto as crenças relativas aos objetivos considerados pela mulher, difíceis de serem atingidos. O X^2 encontrado foi 44,940, maior do que o valor crítico X^2 21,666, a nível de 1% de significância e com 9 graus de

liberdade. A resposta de maior frequência dada pelo grupo da DPDM foi a crença de que é difícil "mudar o marido para melhor" (35,8%), enquanto que no grupo do CSRMA foi a crença de que é "difícil sustentar a família sozinha" (35,8%).

TABELA 23: Respostas simples acerca das soluções adotadas pelas mulheres diante da frustração de não obter aquilo que almejam, segundo as respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM), e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo(SP) 1988.

SOLUÇÕES ADOTADAS PELAS MULHERES DIANTE DA FRUSTRAÇÃO DE NÃO OBTER AQUILO QUE ALMEJAM	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
I - Chorar	14	7,3	15	7,9
II - Engolir a raiva	5	2,6	3	1,6
III - Espairar com outra coisa	4	2,1	9	4,7
IV - Desabafar com as amigas	33	17,4	45	23,7
V - Conformar-se com o que recebe	10	5,3	20	10,5
VI - Separar-se do marido	75	39,5	24	12,6
VII - Buscar outra solução	49	25,8	74	39,0
VIII- Arranjar um bode expiatório	0	0,0	0	0,0
TOTAL	190	100,0	190	100,0

Os resultados apresentados na Tabela 23 também associação estatisticamente significativa entre a crença quanto as soluções adotadas pelas mulheres diante da frustração de não obter aquilo que desejam, e os grupos experimental e controle. O X^2 encontrado foi 38,991, maior do que o valor crítico $X^2=18,475$, a nível de 1% de significância e com 7 graus de liberdade. A resposta de maior frequência dada pelo grupo da DPDM foi a crença de que a solução é "separar-se do marido" (39,5%), enquanto o grupo do CSRMA acredita que é melhor "buscar outra solução"(39,0%).

TABELA 24: Frases típicas reveladoras de crenças de maior frequência indicadas pelo grupo da Del. de Pol. de Defesa da Mulher (DPDM) e do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda (CSRMA), São Paulo (SP), 1988.

FRASES TÍPICAS (CRENÇAS)	VALOR ESCALAR	DPDM						CSRMA						VEM**	X ² *	Q*	
		ACREDITA		NÃO ACREDITA		DEPENDE		ACREDITA		NÃO ACREDITA		DEPENDE					
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%				
I - Os homens compreendem as mulheres	(+1,0)	19	10,0	139	73,2	32	16,8	-76	33	17,4	100	52,6	57	30,0	-50	8,04	-0,41
II- As mulheres são protegidas pelos homens	(-1,0)	30	15,8	142	74,7	18	9,5	+65	50	26,3	105	55,2	35	18,4	+35	9,68	-0,39
III-Quando se dá colher de chá ao marido logo ele quer o vidro todo	(-1,0)	181	95,3	6	3,1	3	1,6	-94	162	85,3	18	9,5	10	5,2	-80	6,92	+0,54
IV- Quando o marido não presta manda-se ele capinar	(+1,0)	173	91,0	13	6,8	4	2,1	+86	156	82,1	21	11,0	13	6,8	+76	2,53	+0,28
V - Ruim com ele pior sem ele	(-1,0)	94	49,5	93	49,0	3	1,6	-1	116	61,0	54	28,4	20	10,5	-36	11,86	-0,36
VI- A mulher sabe se defender quando agredida	(+1,0)	104	54,8	68	35,8	18	9,5	+21	124	65,3	43	22,6	23	12,1	+49	7,31	-0,31
VII-A mulher é inferior ao homem	(-1,0)	47	24,8	140	73,7	3	1,6	+50	36	19,0	152	80,0	2	1,0	+62	1,94	+0,17
VIII-Só dentro de casa há segurança	(-1,0)	35	18,5	151	79,5	3	1,6	+62	35	18,4	67	35,2	2	1,0	+62	8,59	-0,39
IX- As mulheres vivem encurraladas: Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come	(-1,0)	113	59,5	71	37,4	6	3,1	-23	103	54,2	73	38,4	14	7,4	-17	0,31	+0,06
X - Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher	(-1,0)	117	61,6	60	31,6	13	6,8	-32	152	80,0	28	14,7	10	5,2	-69	16,16	-0,47
XI- É melhor aguentar do que sentir remorso depois	(-1,0)	82	43,2	96	50,5	12	6,3	+8	95	50,0	78	41,0	17	9,0	-10	2,74	-0,18
XII-A separação resolve o problema	(+1,0)	133	70,0	36	19,0	21	11,0	+57	74	39,0	65	34,2	51	26,8	+6	22,43	+0,53
XIII-Depois de uma agressão a coisa mais difícil é a reconciliação	(+1,0)	156	82,1	30	15,8	4	2,1	+68	153	80,5	23	12,1	14	7,4	+74	0,67	-0,12
XIV- É melhor morrer do que viver sofrendo	(-1,0)	80	42,1	104	54,7	6	3,1	+13	60	31,6	120	63,1	10	5,2	+33	3,95	+0,21
XV- Há mais vantagem em ser quieta do que ser enérgica	(-1,0)	112	59,0	72	37,9	6	3,1	-22	112	59,0	65	34,2	13	6,8	-27	0,22	-0,05
XVI-Saber amar é saber perdoar	(-1,0)	137	72,0	50	26,3	3	1,6	-47	148	77,9	30	15,8	12	6,3	-66	5,20	-0,29
XVII-É inútil esperar que os sonhos se tornem realidade	(-1,0)	104	54,7	84	44,2	2	1,0	-11	98	51,6	84	44,2	8	4,2	-8	0,08	+0,03
XVII-Na vida só vence c/preparo	(+1,0)	150	79,0	36	19,0	4	2,1	+61	141	74,2	43	22,6	6	3,1	+53	0,88	+0,12

* Calculado, apenas, com os valores correspondentes às colunas " Acredita " e " Não Acredita "

** Idem e escala de limites 0 e 100

As frases típicas da Q.25 também compreendem crenças de auto-estima, de autoconfiança e de valorização do marido. Elas foram classificadas conforme o item 3.3.6 do instrumento de medida.

Item I - Os homens compreendem as mulheres (+1,0)

A maior proporção de respostas negativas foi encontrado no grupo da DPDM (-76); no CSRMA essa proporção é de (-50), havendo uma diferença de 52,0% entre eles. Obteve-se $pX^2 = 8,044$, maior do valor crítico $X^2 = 6,635$ ao nível de 1% de significância e 1 grau de liberdade, indicando que o resultado é significativo, isto é, rejeita a hipótese nula e aceita que há uma relação de dependência desta crença entre os dois grupos. O teste de Yule, por sua vez, indica que há associação negativa moderada entre a crença de que os homens compreendem as mulheres e o grupo da DPDM ($Q = 0,41$). O oposto ocorre com o grupo CSRMA.

Item II - As mulheres são protegidas pelos homens (-1,0)

Os resultados são positivos para ambos os grupos: DPDM (+65) e CSRMA (+35). A diferença entre os dois é de 85,7%. Isto indica que as respondentes "Não Acreditam" que as mulheres são protegidas pelos homens.

Obteve-se o X^2 de 9,684, maior do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, ao nível de 1%, com 1 grau de liberdade. O teste é significativo, rejeita a hipótese nula e aceita que há uma

dependência entre os grupos quanto à esta crença.

O teste de Yule diz que há uma associação negativa entre esta crença e o grupo da DPDM ($Q = -0,39$). Portanto, este grupo não acredita nesta crença.

Item III - Quando se dá colher de chá ao marido, logo ele quer o vidro todo (-1,0)

Os resultados deste item foram os mais altos no elenco dos resultados: DPDM (-94) e CSRMA (-80), havendo uma diferença entre os dois de 17,5%. O X^2 obtido foi de 6,921 maior do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, ao nível de 1% de significância e 1 grau de liberdade. O teste foi significativo, isto é, rejeita a hipótese nula e aceita a hipótese de que há uma relação de dependência desta crença entre os dois grupos de respondentes. Quanto ao poder da relação o Q de Yule atesta que há uma associação positiva substancial entre elas ($Q = + 0,54$).

Item IV - Quando o marido não presta manda-se ele capinar (+1,0)

os resultados apresentados pelas mulheres da DPDM (+86) e do CSRMA (+76) são condizentes com a expectativa da pesquisadora. Há uma diferença proporcional entre os dois grupos de 13,2%.

O X^2 obtido foi de 2,539, menor do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, ao nível de 1% de significância e 1 grau de

liberdade. Resultou não significativa, aceitando, portanto, a hipótese nula de independência das amostras quanto a esta crença. Todavia, o teste de Yule indica que, apesar das amostras serem independentes mesmo assim há uma associação negativa baixa entre esta crença e o grupo da DPDM ($Q = +0,28$).

Item V - Ruim com ele, pior sem ele (-1,0)

A expectativa da pesquisadora era de que houvesse predominância de respostas "não acredita" para ambos os grupos. As respostas obtidas, porém, contrariaram essa expectativa, pois, ocorreu, maior frequência de respostas "acredita" para o grupo do CSRMA (-36) e em menor proporção para o grupo da DPDM(-1). As respondentes sentem necessidade de amar e ser amadas.

O teste de qui quadrado foi fortemente significativo.

Encontrou-se o X^2 de 11,869, maior que o valor crítico $X^2 = 6,635$ ao nível de 1% de significância e com 1 grau de liberdade. Indica que rejeita a hipótese nula e aceita que há uma relação de dependência entre os dois grupos quanto à esta crença. Há uma associação negativa moderada entre o grupo da DPDM e a crença de que, se é "ruim viver com o marido, pior é viver sem ele" ($Q = -0,36$).

Item VI - A mulher sabe se defender quando agredida (+1,0)

As respostas são positivas para ambos os grupos, portanto, as respondentes "acreditam que a mulher sabe se defender quando agredida, sendo de (+21) para a DPDM e de (+49) para o CSRMA. Há uma diferença de 33,3% entre os dois. Os resultados indicam que as respondentes da DPDM, embora em menor frequência do que as do CSRMA, pensam que a mulher, quando maltratada, "sabe se defender". Obteve-se o X^2 de 7,312, maior do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, a 1% de significância, com 1 grau de liberdade. O resultado foi significativo, isto é, rejeita a hipótese nula e aceita a hipótese de dependência de ambos os grupos quanto à esta crença, muito embora o teste de Yule indique haver, apenas, uma associação negativa moderada ($Q = -0,31$) entre eles, ocorrendo o contrário com o grupo do CSRMA.

Item VII - A mulher é inferior ao homem (-1,0)

Os resultados para o grupo da DPDM (+50) e para o grupo do CSRMA (+62) indicam que a maioria das respondentes "não acredita" que a mulher é inferior ao homem. Proporcionalmente há uma diferença de 24,0% nas respostas dos dois grupos.

Pelo teste de significância obteve-se o X^2 de 1,948, menor do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, ao nível de 1% de significância e com 1 grau de liberdade, indicando que o resultado não foi significativo; aceita a hipótese nula de independência dos grupos quanto a esta crença. O teste de Yule, indica que, apesar dessa independência, há tendência para a associação

positiva baixa entre eles ($Q = +0,17$).

Item VIII - Só dentro de casa há segurança (-1,0)

Os resultados de ambos os grupos são iguais e positivos (+62), significando que as respondentes "não acreditam" nessa proposição. Obteve-se o X^2 de 8,598, maior do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, ao nível de 1% de significância e 1 grau de liberdade. O resultado foi significativo, rejeitando, portanto, a hipótese de nulidade e aceitando a hipótese da relação de dependência entre os dois grupos quanto à esta crença. O teste de Yule indica haver uma associação negativa moderada ($Q = -0,39$) entre estes, conseqüentemente há associação positiva moderada da crença com o grupo do CSRMA.

Item IX - As mulheres vivem encurraladas: se ficar o bicho pega, se correr o bicho come (-1,0)

Os resultados são negativos para ambos os grupos, sendo de (-23) para o grupo da DPDM e de (+17) para o grupo do CSRMA; há uma diferença de 35,3% entre ambos. Obteve-se o X^2 de 0,313, menor do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, ao nível de 1% de significância e 1 grau de liberdade. Os resultados aceitam a hipótese nula de independência das amostras quanto a esta crença. Contudo, o teste de Yule indica que há associação positiva desprezível entre o grupo da DPDM e a crença de que as mulheres vivem encurraladas ($Q = +0,06$).

Item X - Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher (-1,0)

As respondentes "acreditam" nessa crença. Os resultados para o grupo da DPDM (-32) e para o grupo do CSRMA (-69) indicam que o primeiro grupo acredita em menor frequência que o segundo. A diferença proporcional entre os dois é de 15,6%. Obteve-se o X^2 de 16,166, maior que o valor crítico $X^2 = 6,635$, ao nível de 1% de significância e 1 grau de liberdade. O resultado é significativo, isto é, rejeita a hipótese nula e aceita que há uma relação de dependência entre os dois grupos quanto à esta crença. O teste de Yule indica que há uma associação negativa moderada ($Q = -0,47$) entre eles.

Item XI - É melhor aguentar do que sentir remorso depois (-1,0)

É interessante observar o resultado positivo discrepante apresentado pelo grupo da DPDM (+8) em contraste com o resultado negativo, concordante, apresentado pelo grupo do CSRMA (-10). O primeiro "não acredita" que seja melhor aguentar do que sentir remorso depois, enquanto o segundo "acredita". Obteve-se o X^2 de 2,746, menor do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, ao nível de 1% de significância e com 1 grau de liberdade. O resultado não é significativo, isto é, aceita a hipótese nula de dependência entre os dois grupos quanto à esta crença de que é melhor aguentar do que sentir remorso depois". O teste de Yule indica que há uma associação negativa baixa entre elas. Esta crença,

provavelmente não influencia o sistema de crenças das respondentes.

Item XII - A separação resolve o problema (+1,0)

Embora ambos os grupos de respondentes tenham dado respostas afirmativas, concordando que a separação resolve o problema, os resultados foram mais positivos para o grupo da DPDM (+57) enquanto que o grupo do CSRMA apresentou (+6). As mulheres da DPDM deram respostas coerentes com sua decisão de buscar ajuda na Delegacia da Mulher para resolver a situação de conflito. Obteve-se X^2 de 22,433, maior do que o valor crítico $X^2 = 6,635$, ao nível de 1% de significância e com 1 grau de liberdade. O resultado do teste foi significativo, isto é, aceita que há uma relação de dependência entre as amostras e a crença de que "a separação resolve o problema". O teste de Yule indica que há uma associação positiva substancial ($Q = +0,53$) desta crença com o grupo de respondentes da DPDM.

Item XIII - Depois de uma agressão a coisa mais difícil é a reconciliação (+1,0)

Respostas afirmativas apresentadas pelos grupos da DPDM (+68) e do CSRMA (+74) indicam que ambos estão de acordo que, depois de uma agressão a coisa mais difícil é a reconciliação. A diferença entre os dois grupos é de 0,9%. Obteve-se o X^2 de 0,677, menor do que o valor crítico $X^2 = 6,635$ ao nível de 1% de significância e com 1 grau de liberdade. Aceita a hipóte-

se nula, isto é, há independência entre os grupos quanto à esta crença. O resultado não foi significativo. O teste de Yule indica uma associação negativa baixa entre a crença de que depois de uma agressão a coisa mais difícil é a reconciliação e o grupo da DPDM ($= -0,12$).

Item XIV - É melhor morrer do que viver sofrendo
(-1,0)

Resultados positivos apresentados pelo grupo da DPDM (+13) e pelo grupo do CSRMA (+33) indicam que a maioria das respondentes "não acredita" que é melhor morrer do que viver sofrendo. A diferença entre os dois grupos é da proporção de 53,8%. Obteve-se o X^2 de 3,956, menor do que o valor crítico $X^2 = 6,635$ ao nível de 1% de significância e com 1 grau de liberdade. O teste indica que não há relação de dependência entre os dois grupos quanto à esta crença. Mas, o teste de Yule acusa que há tendência a uma associação positiva baixa entre as respostas das mulheres da DPDM e esta crença ($Q = +0,21$).

Item XV - Há mais vantagem em ser quieta do que
ser enérgica (-1,0)

Os resultados são negativos, indicando que as respondentes "acreditam" que há mais vantagem em ser quieta do que ser enérgica. Entretanto o grupo da DPDM (-22) acredita menos do que o grupo do CSRMA (-27). A diferença entre os dois é de 2,7%. Obteve-se o X^2 de 0,222, menor do que o valor crítico

$X^2 = 6,635$, ao nível de 1% de significância e com 1 grau de liberdade. O teste de Yule indica uma associação negativa desprezível ($Q = -0,05$) da crença de que há mais vantagem ser quieta do que ser enérgica, com ambos os grupos de respondentes.

Item XVI - Saber amar é saber perdoar (-1,0)

Obteve-se para o grupo de respondentes da DPDM (-47) e para o grupo do CSRMA (-66) de respostas negativas o que indica que ambos "acreditam" que saber amar é saber perdoar. Há uma diferença de 40,0% a favor das respondentes. Obteve-se o X^2 de 5,205, menor do que o valor crítico $X^2 = 6,635$ ao nível de 1% de significância e com 1 grau de liberdade. O resultado não foi significativo. Indica que não há relação de dependências entre os dois grupos quanto à esta crença. Mas, o teste de Yule diz que é uma associação negativa baixa ($Q = -0,29$) desta crença de que saber amar é saber perdoar, com o grupo de respondentes da DPDM.

Item XVII - É inútil esperar que os sonhos se tornem realidade (-1,0)

Os resultados obtidos para as respondentes da DPDM (-11) e para as do CSRMA (-8) indicam que ambos os grupos "acreditam" que é inútil esperar que os sonhos se tornem realidade. A diferença entre os dois é de 3,7%. Obteve-se o X^2 de 0,080, menor do que o valor crítico $X^2 = 6,635$ ao nível de 1% de significância e com 1 grau de liberdade. Aceita a hipótese nula de in-

dependência dos dois grupos quanto à esta crença. Entretanto, há uma associação positiva desprezível entre a crença de que é inútil esperar que os sonhos se tornem realidade e o grupo de respondentes da DPDM ($Q = +0,03$).

Item XVIII - Na vida só se vence com preparo(+1,0)

As respostas positivas indicam que as respondentes da DPDM (+61) e do CSRMA (+53) "acreditam" que na vida só se vence com preparo. A diferença proporcional entre os dois grupos é de 15%. Obteve-se o X^2 de 0,080, menor do que o crítico $X^2 = 6,635$, ao nível de 1% de significância e com 1 grau de liberdade. O teste aceita a hipótese nula de independência da amostra e da crença em apreço. Entretanto, há uma associação positiva desprezível entre a crença de que na vida só se vence com preparo e o grupo de respondentes da DPDM ($Q = 0,03$).

4.5 Avaliação do Estado Emocional da Respondente

A avaliação do estado emocional da respondente foi feito no início e no final da entrevista, pela pesquisadora e pela própria respondente.

Inicialmente houve uma tendência da pesquisadora em considerar a mulher-respondente de ambos os grupos mais calma do que ela refere que é. Individualmente, houve concordância entre a avaliação do estado emocional feita pela pesquisadora e a avaliação feita pela respondente. (Veja Tabelas 43 e 46). (Anexo 6).

No final, pela auto avaliação das respondentes, tanto do grupo experimental como do grupo controle, elas passaram por uma certa melhora no estado emocional caracterizada por maior grau de "calma" ao término da entrevista. Observe-se que essa melhora se fez sentir em grau praticamente o mesmo em ambos os grupos (Veja Tabela 47) (Anexo 6).

5. DISCUSSÃO

O estudo das crenças do Argumento de Vida é de destacada importância para a compreensão da personalidade e sua comunicação com o mundo.

A pesquisa realizada na área de Análise Transacional acerca de um fenômeno que ocorre com certa frequência em quase todas as sociedades - a agressão de mulheres esposas ou companheiras - oferece oportunidade para a ampliação dos conhecimentos sobre a auto-afirmação isto é, sobre os sentimentos e pensamentos negativos que geram a compulsão da queixa neurótica, da vitimização, da qual resulta a formação das crenças no Estado do Ego Criança.

Não há dúvida que as teorias aqui apresentadas provocarão muitas críticas, porém se servirem para mais um passo na busca da verdade, a autora de dará por satisfeita.

O tema escolhido diz respeito às crenças do Argumento de Vida e às agressões de mulheres. O Argumento de Vida é um plano pré-consciente que impulsiona a pessoa para um determinado final (destino); é constituído por vários elementos dentre os quais os impulsores, as injunções e as crenças. Por razões científicas e metodológicas optou-se por estudar estas últimas, partindo do pressuposto de que são as crenças que dão origem ao comportamento de vítima apresentado pelas mulheres agredidas. Por esta mesma razão foram as crenças tomadas como variável dependente, e não a agressão como era esperado. Só no decorrer do traba

lho chegou-se à conclusão de que o comportamento queixoso (compulsivo) é que gera crenças.

Quanto ao problema, isto é, por quais razões as mulheres se sujeitam a apanhar dos maridos, levantou-se a hipótese de existir certas crenças elaboradas na infância, por ocasião de uma ou mais cenas básicas geradoras de determinado traumatismo psíquico, que impulsionariam essas mulheres em direção de um "destino" infeliz. Refletindo sobre os dados e as teorias específicas chegou-se à compreensão de que não é a cena básica que gera crenças. É a conseqüente reação à auto imagem negativa que torna este comportamento compulsivo. O queixar-se é uma reação a sentimentos negativos que tem por objetivo resolver equilibradamente o trauma psíquico. No início as justificações de autopiedade ajudam a superar a experiência traumática porém, depois a criança encontra novas razões para pensar que não é amada, ou que é inferior e sentirá necessidade de maior quantidade da emoção de autopiedade para curar a ferida. A reação passa a ser, então um vício e como tal, compulsiva. O vício decorre da aprendizagem e pode ser explicado pelos princípios de condicionamento¹. A resposta ao problema pode ser deduzida da auto-imagem negativa da mulher de ser menos amada ou estimada; ela se submete por sentir-se inferior ao marido; reage pouco ou não reage, levando a supor a existência de um estado alterado de consciência que lhe impede a percepção lúcida dos mecanismo de defesa. Todo indivíduo tem necessidade não só de ser, mas de afirmar seu próprio

ser. A auto-afirmação é a forma silenciosa e não dramática de crença da pessoa em si mesma⁴⁰.

Quando da investigação da resposta ao problema pensou-se ser o "survey" o procedimento adequado, porém logo se percebeu que a descrição pura e simples do objeto em estudo resultaria em pouca ou nenhuma contribuição original. Consequentemente optou-se pelo "quase-experimento" dito caso-controle, na expectativa de contribuir para a maior compreensão da natureza humana. Por essa razão pretendeu-se identificar as crenças argumentais que estariam ou não associadas ao fato da mulher ser agredida pelo marido. Levou-se em consideração a representatividade das amostras em relação às respectivas populações. Estas foram definidas em termos geográficos: o bairro de Santo Amaro, zona sul do município de São Paulo. O fator de seleção e distinção dos dois grupos foi ter ou não sofrido agressão no presente ou no passado.

O questionário foi elaborado, predominantemente, com crenças negativas, pressupondo-se serem estas condicionantes da agressão. As crenças expressando sentimentos e pensamentos negativos, (Tabelas 15, 16, 18, 21, 22 e 23), submetidas a teste estatístico revelaram-se significantes, não como indutoras do papel de vítima, mas vice-versa.

As variáveis independentes foram estudadas como tal e como descritores amostrais. Estes são apresentados nas Ta

belas 1 a 10, para os dois grupos - experimental e controle - e resultaram semelhantes e comparáveis. Os testes aplicados a eles não foram estatisticamente significantes. Esperava-se que o maior número de filhos (Tabela 3) e os sentimentos de medo e de raiva sentidos contra um ou ambos os pais na infância (Ver Tabela 6 a 9) fossem significantes. Acreditava-se que o fato da mulher ter filhos reforçava alguma crença que, por sua vez justificaria a passividade da mulher diante das agressões do marido. Acreditava-se, também, que os sentimentos de medo e de raiva contra um ou ambos os genitores fossem fatores condicionantes de crenças de baixa auto-estima, que induziriam à sujeição à agressão. Como explicação para este resultado estatisticamente não significativo adota-se a seguinte:

"A 'criança queixosa' dentro do adulto procede conforme as atitudes do pai ou da mãe da época traumática da infância; se foi uma atitude de medo, porque se sentia muito rejeitada ou criticada, continua a sentir o mesmo medo. Se foi raiva por sentir-se injustiçada de qualquer modo por eles, a mesma raiva permanecerá fixada dentro da criança in totum (...). Fique claro que muitos, senão todos os neuróticos leves e graves, conservam sentimentos infantis em relação aos pais, ou seja, têm vínculos emocionais infantis com eles, constituídos ao mesmo tempo, por sentimentos de afeição e hostilidade"¹.

Julgou-se que os resultados apresentados na Tabe-

la 5 quanto ao tempo de convivência, na infância, com os pais indicariam uma relação de dependência com o grupo de respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher. Para explicar esses resultados que não foram estatisticamente significantes, concorda-se com a teoria que diz ser a visão moral da Criança formada de ideais morais ou religiosos construídos com material encontrado principalmente, no ambiente familiar. A criança faz fantasias, idealiza os pais. A idealização dos pais leva à hipertrofia infantil: a criança os considera superiores em comparação com ela que se julga insignificante¹. Talvez seja por essa razão que a questão nº 40, que trata de embriaguês dos pais e de outros familiares, condensada na Tabela 10, apresentou resultados que também foram estatisticamente significantes.

As variáveis independentes estudadas como tal e apresentadas nas Tabelas 11 a 14 merecem alguns comentários. Os resultados constantes da Tabela 11 referentes ao estado marital das respondentes, foram estatisticamente significantes. A maior frequência de mulheres em ambos os grupos é casada no civil, religioso ou nos dois. Ao se medir a magnitude das diferenças encontradas verificou-se que a maior diferença ocorreu por conta dos relacionamentos sem vínculo formal de casamento, apesar da maioria (acima de 60,0%) ter algum. O fato da mulher aceitar uma relação sem vínculo formal, baseada apenas no amor recíproco, demonstra o equívoco da mulher ao pensar que o casamento ou a convivência marital pode sobreviver sem a contrapartida do poder de

se fazer valer. O casal necessita da relação análoga entre amor e poder. Se isto ocorre a pessoa sente poder dentro de si que a torna capaz de amar. "Quando amor e poder são vistos como opostos, o amor tende a ser a submissão abjeta de uma das partes e a dominação sutil da outra"⁴⁰. Quando o relacionamento tem por finalidade guiar-se somente pelo amor, a auto-afirmação e a agressividade positiva estão excluídas por estarem contaminadas pelo poder. "Daí resulta uma absorção de um no outro. Faltam a firmeza da afirmação, a estrutura e o sentimento de dignidade que protegem os direitos de cada um dos parceiros"⁴⁰.

Outros resultados significantes são apresentados na Tabela 12. Dizem respeito ao trabalho realizado pelo respondente, tendo em vista ganhos para o auto-sustento e o sustento da família. Tais resultados parecem refletir uma ordem ideal de valores que as mulheres esperam encontrar no trabalho. Parecem, ainda, refletir a expectativa das mulheres quanto à realização e à expressão de si próprias, num contexto de relações interpessoais harmônicas, que caracterizam o abandono progressivo das identificações de dependência e a emergência de uma identidade própria. Por conseguinte, acredita-se que as mulheres agredidas pelos maridos e que se submetem a isso no seu Estado do Eu Criança, são, apesar disso dotadas de consciência moral no seu Estado do Eu Adulto, com regras integradas à própria experiência de vida e sentidas como convicção do próprio eu.

Todavia, é interessante registrar que, embora a maioria (56,9%) das mulheres agredidas trabalhem fora, os testes aplicados aos resultados constantes da Tabela 4, sobre o número de salários mínimos recebidos pelo trabalho, não foram significantes. Buscando interpretar tais resultados chegou-se às seguintes conclusões: para as respondentes, mais importante do que usufruir de um salário satisfatório é sentir que têm poder para empenhar-se na própria realização. O poder é uma realidade onipresente que deve ser enfrentada dezena de vezes ao dia. O poder é a sensação de significação, é a convicção de que se conta para alguma coisa; é a crença da pessoa de que exerce algum efeito sobre as demais e que pode ser reconhecida por seus semelhantes⁴⁰. Trabalhar e conseguir contribuir para o auto-sustento e da própria família diminui a desigualdade entre o casal. A desigualdade prejudica a harmonia do relacionamento homem-mulher³⁷. Aquele que se sente inferior ressent-se daquele que tem posição superior, resultando num conflito inevitável entre os poderes individuais de cada um.

Os dados apresentados na Tabela 13 quanto ao espancamento sofrido pelas respondente, na infância, e agressões sofridas pelos pais, indicam que mais de 50,0% das mulheres de ambos os grupos foi espancada pelo pai e/ou pela mãe. Aplicado o qui quadrado a tais resultados estes não foram significantes. A respeito dessa atitude convém que se diga que, "ao contrário do que a maioria acredita e adota, criar um filho baseado num

sistema automático de recompensa ou punição é o mesmo que garantir para esse filho a perpetuação do sentimento de diminuta autoestima"⁵⁹. O fato da respondente ter sido na infância, agredida por outro familiar, independente de seus pais, foi estatisticamente significativa. O comportamento dos adultos, especialmente dos pais é sempre interpretado pela criança; muitos desses comportamentos contribuem para que ela contraia o mal da baixa autoestima. Se a criança interpretar que, se seus pais não lhe dão adequada proteção é porque ela é um menino ou menina má, começará, então, a formar em seu interior sua própria imagem negativa, em vez de identificar sua atitude apenas como uma má ação que não deve ser repetida; começará a perceber que suas necessidades básicas não devem ser satisfeitas com determinadas ações. Qualquer injúria emocional drena a energia, criando um sentimento negativo que precisa ser resolvido de alguma maneira. Ser agredido por outra pessoa independente de seus pais é uma experiência que gera raiva e, para equilibrar uma mágoa é necessário demonstrar raiva. Para uma criança, a mais das vezes, fica difícil saber o que é apropriado para tal fim. E qualquer desconsideração da mágoa, mesmo passageira, resulta em sentimento de confusão, frustração e uma crescente amargura; resulta na procura de um alvo que no futuro a pessoa não quererá ou não poderá localizar. No presente, se a pessoa for dependente receiará expressar sua raiva com medo de não ser amada ou de se afastar dela, aquelas das quais precisa para ser protegida e apoiada⁵⁹

Ainda na mesma Tabela 13 os resultados quanto a ter presenciado a mãe bater no pai da respondente e ter presenciado outra pessoa agredir um ou ambos os pais, não foi significante. Mas, foi estatisticamente significativa o fato da respondente ter presenciado seu pai agredir sua mãe. Isto ocorre em função do sentimento de auto-estima negativa ou baixa desenvolvido a partir do hábito comum da autodiminuição por comparação. Da parte da criança inicia-se a aceitação dessa condição de inferioridade da relação homem-mulher como um traço da natureza. Auto-estima aviltada carrega outras manifestações tais como meios e hábitos contraídos com a finalidade de escapar das exigências do cotidiano³.

O hábito de embriaguês do marido que se vê representado na Tabela 14 resultou estatisticamente significativa. Quase 70,0% dos maridos do grupo de respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher bebe e se embriaga. Encontrou-se uma associação positiva muito forte entre o hábito de beber e o fato da mulher sofrer agressão do parceiro. É importante analisar aqui, não o papel do álcool nos episódios de agressão do qual a literatura está repleta, mas ao papel de alcoólatra assumido por um indivíduo num certo tipo de jogo. O ato de beber é, em si, um prazer accidental, porém o objetivo final de quem bebe é a ressaca que conduz ao tormento psicológico, ao sofrimento subsequente, à autopunição. O objetivo da Criança do alcoólatra é provocar uma situação em que possa ser severamente repreendida.

O jogo alcoólatra é jogado por cinco pessoas, embora os papéis disponíveis possam ser condensados de forma que termine como um jogo para dois*. O papel central é o do alcoólatra; o principal papel secundário é o de Perseguidor, geralmente desempenhado pela esposa; este papel é alternado com o de Salvador ou de Vítima. "A esposa do alcoólico tem grandes dificuldades em perceber como seus incontáveis sacrifícios (salvando) e sua impressionante resistência em suportar abusos (agressões, vergonha, medo, lástima, etc.)... seguidos de desculpas, são na verdade prejudiciais ao marido pelo fato de não serem benéficos a qualquer alcoólico em geral"⁴⁶. "Retratando as posições desta esposa observa-se que ela é veterana no sofrimento imerecido. Magoada e aflita, procura, porém, manter a família unida, realimentando o casamento com sua amargura, ressentimento, medo e dor; e assim é óbvio, torna-se fonte de perseguição"⁴⁶. Este é um jogo difícil de ser abandonado, mas existe saída. A automotivação positiva começa com a mudança do nível de informação e percepção. Cada um tem direito e opção para escolher seu modo de viver.

Quanto à variável dependente observou-se diferenças significantes entre os dois grupos de respondentes das amostras, conforme o que se discutirá nos parágrafos seguintes.

Das crenças de baixa auto-estima estatisticamente significantes que aparecem na Tabela 15, referentes ao grupo de

* BERNE, E. Jogos da vida. In: Berne, E. Os jogos da vida. 3ª ed Rio de Janeiro, Artenova, 1977. p. 70-87.

mulheres da 2ª Delegacia de Polícia, destacam-se: "Desvalorizadas" (27,4%), "amedrontadas (20,5%) e "decepcionadas" (13,7%). Este é o auto-retrato típico da Criança Submissa negativa, que concentra a atenção em torno do próprio "eu". Se a pessoa se sente "pobre coitada" tem vergonha de si, porque vê os outros como superiores; uma pessoa que sente e pensa como criança tem uma imaginação na qual o horrível está facilmente presente. Essas pessoas certamente tiveram, na infância uma autovisão de não serem capazes de enfrentar a vida. Ficam com medo em ocasiões que exigem força, coragem para vencer as dificuldades da vida. Os resultados também mostram que as respondentes se sentem amedrontadas; o medo traz consigo a certeza da impotência, do não ser capaz, do não reconhecer em si mesma a possibilidade de tomar atitudes que contradigam tudo o que se dá por sabido; o medo é uma consequência lógica do ser vítima. Além disso uma expectativa ou esperança que não se realiza pode gerar um sentimento de desprazer, uma decepção e em seguida, reforçará uma expressão de autopia que gerará uma crença de infelicidade. O grupo do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda se sente muito menos inferiorizado, embora se acredite que ninguém pode modificar situações deixando as coisas acontecerem ao acaso; para modificar posturas e comportamentos negativos é preciso antes assumir as próprias deficiências e partir para a luta, para a mudança. Mudar significa arriscar; e o sentimento de risco é muito semelhante ao sentimento de liberdade.

A Tabela 16 apresenta os resultados acerca do modo como as mulheres percebem seus maridos. Foram estatisticamente significantes para ambos os grupos de respondentes.

A imagem que estas mulheres fazem de seus companheiros é de que eles são "violentos" (29,5%) e "covardes" (17,9%). Procurando compreender o porque dos maridos das respondentes serem vistos por elas como violentos e covardes, levanta-se a hipótese de que violência pressupõe opressão e pode significar, também, a perda generalizada da sensação de significação individual (percebida como impotência). É trágico pensar que tantas pessoas sentem que não têm nem podem ter poder; que até a auto-afirmação lhes é negada; que nada lhes resta para se fazer valer e que, portanto, nenhuma outra solução existe exceto uma explosão de violência. "A violência ou os atos que têm afinidade com ela conferem a um indivíduo a sensação de que conta, de que é importante, de que tem poder. Isso, por sua vez, dá ao indivíduo uma sensação de significação"⁴¹. É a falta de significação e a luta para consegui-la que está subjacente em muitos atos de violência. Se o marido é violento e covarde, certamente, está ocorrendo a violação da liberdade da mulher. "A agressão é um movimento de penetração nas posições de poder ou de prestígio ou no território pertencente a outrem, apoderando-se de parte dele em nome do eu. O poder é a capacidade de causar ou impedir mudanças. Deve ser vivenciado para que não resulte em neurose, psicose ou violência"³⁹. Se a mulher agredida não faz uso do seu poder pes-

soal certamente está sob a influência do seu circuito interno de transação Criança - Pai, projetando seu Pai no marido, razão pela qual permanece passiva a maior parte do tempo.

Os resultados apresentados na Tabela 18 foram estatisticamente significantes, tanto para o grupo experimental quanto para o grupo controle com relação à atitude da mulher durante ou após discussão com o marido. A maior frequência foi apresentada pela resposta "Esclarecer a responsabilidade de cada um" (20,0%). Há forte indício de que as respondentes tinham, no momento da pesquisa, consciência de que precisavam se auto-afirmar e que para isso as responsabilidades do casal deveriam ser definidas e, conseqüentemente, não haveria mais lugar para manipulações. Observou-se, também, que este grupo começou a perceber a importância de defender-se, de se autoprotger como forma de dar significado à própria vida. Há que interferir no próprio destino.

A Tabela 21, apresenta os resultados dos dados relativos à expectativa catastrófica da mulher diante do dilema de enfrentar ou revidar às agressões do marido, foram estatisticamente significantes tanto para o grupo experimental quanto para o grupo controle. A resposta de maior frequência foi "Ser mais agredida pelo marido" (35,8%), seguida de "Ser morta pelo marido" (32,6%). Muitos estudiosos analisam estas questões a partir da emoção de medo como elemento patológico da neurose, embora seja

voz corrente que a "violência contra a mulher é uma rua de mão única e lá no fundo pode estar a morte"⁴. Outros acreditam que é o hábito de lastimar que condiciona a mulher a buscar companheiro de caráter firme, até dominador, para o qual transferem, automaticamente, junto com o sentimento de dependência, o de raiva e autopiedade de ser reprimida¹. Qualquer que seja a interpretação não se ignoram as influências sociológicas, os hábitos de julgamento moral, as crenças e valores machistas e outros hábitos de reagir numa situação de conflito entre casados. Não se ignora, também, que uma visão moral deficiente facilita a expressão de impulsos negativos existentes na pessoa do agressor. Estas pessoas cometem o erro de ultrapassar a auto-afirmação e de saltar diretamente da impotência para a agressão e violência. Além do mais a mulher agredida enfrenta os conflitos conjugais, usando comportamentos e transações típicos da criança submissa negativa, vendo no companheiro como Pai bruxo. Há que usar o Estado do Eu-Adulto, racional, lógico, equilibrado que lhe permita adotar soluções adequadas que evitem chegar às vias de fato.

Os resultados de maior frequência apresentados na Tabela 22, relativos aos objetivos considerados pelas respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher, difíceis de serem atingidos foram: "mudar o marido para melhor" (35,8%) e "sustentar a família sozinha" (16,9%). Tais resultados foram estatisticamente significantes. Estas respostas permitem inferir que as respondentes, no momento da pesquisa, estavam dominadas

por pensamentos negativos mágicos. Estes impedem a percepção do autopoder capaz de operar mudanças em si mesmas, capaz das maiores realizações pessoais. Fica evidente a crença de que seu amor é capaz de mudar o companheiro em vez da crença em si mesmas⁴⁰. O resultado destas expectativas frustradas é a desilusão de vir a ser mais compreendida e amada. É baixa sua auto-estima por causa do sentimento de inferioridade e, alta a valorização do companheiro.

A Tabela 23 apresenta os resultados referentes às soluções adotadas pelas respondentes de ambos os grupos, diante da frustração de não obterem aquilo que almejam, e que foram estatisticamente significantes. As respostas de maior frequência dada pelas respondentes da DPDM, enquanto que para o grupo do CSRMA foi "separar-se do marido" (39,5%), "buscar outra solução" (25,8%). Ambas são coerentes com a decisão da mulher de apresentar queixa contra o marido na Delegacia da Mulher. A confiança no próprio valor, quando se é adulto, dá-se na forma de pequenas auto-afirmações cotidianas e quase sempre ocorrem hesitantemente. "O fato de um ser humano poder ser autoconsciente aumenta imensamente a sua necessidade de auto-afirmação"⁴⁰. A consciência amplia as dimensões do ser humano, possibilitando-lhe um sentido de compreensão, responsabilidade e certa margem de liberdade proporcional a essa responsabilidade. Assim "O homem se torna um eu na medida em que participa de seu desenvolvimento e coloca o seu peso sobre esta ou aquela tendência, por mais limitada que

possa ser essa escolha"⁴⁰. Nesta fase de tomada de decisão é im prescindível o apoio de alguma pessoa por quem se tenha admiração e por quem se sinta valorizado.

Os itens da questão 25, também, variável e dependente serão discutidos a seguir:

Item I: Os homens compreendem as mulheres

O qui quadrado indica que as respondentes "não acreditam" que os homens compreendem as mulheres. Na realidade "os homens não entendem a forma de pensar das mulheres, e tampouco as mulheres compreendem o jeito de pensar dos homens"⁶⁰. A crença no mito dos papéis sexuais complementares conspira contra o êxito genuíno do relacionamento, porque a comunicação entre homens e mulheres se rompe de muitas formas. Há necessidade de homens e mulheres desenvolverem suas capacidades de uso recíproco dos diferentes Estados do Eu, para uma eficiente comunicação.

Item II: As mulheres são protegidas pelos homens

a maioria das respondentes não acredita nessa afirmativa. Culturalmente, os homens são dissuadidos de desenvolverem seu senso protetor, seja para os outros, seja para si mesmos. Entretanto, as mulheres são treinadas e estimuladas a serem fortemente protetoras, pois, sua tarefa na sociedade é criar os filhos e cuidar de pessoas, especialmente de seu "homem".

Item III: Quando se dá colher de chá ao marido, logo ele quer o vidro todo

O teste foi estatisticamente significativa para o grupo da 2ª Delegacia de Defesa da Mulher.

Permite inferir que há uma tendência a confirmar que, quando uma pessoa na posição de Vítima é salva por alguém, ela se sente por baixo. E ser mantida por baixo interfere na sua capacidade de ter forças para reagir. Conseqüentemente essa pessoa (no papel de Vítima) inevitavelmente se zangará com seu Salvador, mudando de papel e desempenhando o de Perseguidor.

Item IV: Quando o marido não presta manda-se ele capinar

O teste não foi estatisticamente significativa. In_u fere-se que, a nível de discurso formal, há uma predisposição das respondentes para a colocação de limites nas experiências e nos relacionamentos familiares.

De acordo com o que é estabelecido culturalmente no núcleo familiar padrão, homem e mulher salvam um ao outro, e de diversas maneiras; o ciclo vicioso ocorre mais e mais vezes, levando as mulheres a se "adaptarem" e a ficarem ressentidas, cul_u minando por Perseguirem o marido.

Item V: Ruim com ele, pior sem ele

O resultado foi significativa para ambos os grupos de respondentes. É verdade que a mulher, cuja auto-estima é reduzida, nutre fortes ilusões com respeito ao marido ou companhei_u

ro, bem como fortes temores em relação a ele. Os resultados permitem inferir que a maioria das respondentes do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda concordam com esta crença. Mas, só uma pequena proporção de respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher concordam com ela. Isto ocorre, certamente, porque este grupo sofreu muito e não está mais disposto a aguentar os maus tratos, encontrando-se na fase de tomada de decisão de mudança para melhor.

Item VI: A Mulher sabe se defender quando agredida

O resultado foi estatisticamente significativo. Todavia, tem-se conhecimento que, num relacionamento anômalo acontece justamente o contrário. Nada liga uma mulher mais intensamente do que as oscilações das atitudes de amor e de abuso. O comportamento oscilante do companheiro cria a convicção na parceira de que compete a ela consertar o que está errado. Há indicações inequívocas de que geralmente a mulher procura meios de tornar o marido ou companheiro mais gentil e amoroso²³. Infere-se ser esta crença menor no grupo da Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher do que no grupo do Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda pela própria condição de vítima de agressão. A experiência modificou a crença.

Item VII: A mulher é inferior ao homem

O teste não foi significativo, contudo, parece não haver congruência entre esta forma de pensar e o comportamento

de mulher agredida vivenciado. A negação deve-se à fase de reação à situação. Uma mulher que se sente em posição igualitária ou superior ao homem não se submete a agressão e, muito menos permanece ao lado do agressor depois de ser espancada.

VIII: Só dentro de casa há segurança

O resultado foi estatisticamente significativo. Nas sociedades tradicionais os pais passam mensagens às filhas de que o "mundo é um lugar assustador para uma mulher sem um homem, de que as mulheres são desamparadas e dependentes dos homens"²³... Conseqüentemente, elas passam a acreditar que só dentro de casa há segurança. As duas amostras pesquisadas, adultamente não acreditam nesta crença. A realidade da vida moderna mostra que as pessoas não se sentem seguras em lugar algum. E, se o marido é agressor, aí, então, as condições de insegurança aumentam. A mulher passa a conviver com o permanente temor de mais agressão, não só, contra si, mas, também, contra seus filhos ou familiares.

Item IX: As mulheres vivem encurraladas: se ficar o bicho pega, se correr o bicho come

Os resultados não foram estatisticamente significantes. O fato das respondentes "acreditarem" que as mulheres vivem encurraladas é congruente com o papel sexual com que foram socializadas. "De maneira clássica um homem deve ser racional, produtivo e trabalhador, mas não deve ser emotivo, ter contado

com seus sentimentos e abertamente amoroso. Por outro lado, uma mulher não deve pensar racionalmente, ser capaz de fazer a contabilidade ou ser forte. Estas, naturalmente, são as características extremadas dos papéis sexuais masculinos/femininos"⁶¹. As mulheres não são estimuladas a ter em um Adulto forte. Elas não precisam pensar de modo lógico ou racional para atuar como ajudante ou passatempo dos homens e fazer voluntariamente o trabalho de casa. Se ela não tem a capacidade do Adulto, tende a ser irracional e a ter dificuldade em assumir responsabilidade por suas decisões e ações.

Item X: Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher

Os resultados foram estatisticamente significantes tanto para o grupo experimental quanto para o grupo controle. Mesmo tendo vivenciado situações conflituosas de difícil entendimento, ainda assim elas acreditam que devem enfrentar sozinhas as brigas com o marido; subentende-se que esse enfrentamento deva ocorrer, até quando não tem condição de se proteger. É evidente que a maioria das mulheres não aprendeu a se proteger. "Se as mensagens que recebeu das interações dos pais de que o mundo é assustador para uma mulher sem um homem, de que as mulheres são desamparadas e dependentes dos homens..."²³ a menina crescerá com a convicção de que as mulheres precisam de homens para cuidar delas, pois nunca serão capazes de cuidar de si mesmas. Conseqüentemente, não desenvolvem ou desenvolvem pouco a capacidade

de autoproteção, ao mesmo tempo que incorporam ao seu sistema de crenças, outras que exigem que seja forte, ou que coloque o valor do marido acima do seu próprio.

Item XI: É melhor aguentar do que sentir remorso depois

Os resultados não foram estatisticamente significantes para ambos os grupos. Indicam que as mulheres da DPDM não estão mais dispostas a suportar qualquer violência. Estão, sim, dispostas a assumir o poder de si mesmas, enquanto que o grupo do Centro de Saúde apresenta tendência para a passividade. As respondentes deste grupo se sentem responsáveis pelo bem-estar da família, especialmente do marido. Quanto maior for sua disposição para Salvar o casamento, tanto maior será sua convicção de que compete a ela consertar o que está errado. E sendo dependente do amor e da aprovação do marido para seu bem-estar emocional, quando ele suspende seu amor a mulher sente como se seu mundo tivesse desabado²³.

Item XII: A separação resolve o problema

Os resultados foram estatisticamente significantes para o grupo experimental. A decisão de encarar um relacionamento pernicioso envolve sofrimento emocional, mas se essa opção for evitada o sofrimento será agravado pelo sentimento de culpa e autopunição. Um relacionamento pernicioso consome uma enorme quantidade de energia. Não há nada mais extenuante do que

tensão e conflito e nada mais exultante e animador do que o compromisso de ser generosa consigo mesma²³. Quando a mulher não só acredita que a separação resolve o problema, mas age nesse sentido para se livrar de um relacionamento pernicioso indica que já ocorreu o rompimento de forma concreta. É OK. A ida à Delegacia da Mulher em busca de apoio é um sinal de coragem, força e inteligência. A maioria das mulheres do Centro de Saúde tem a esperança fervorosa de que o marido mude; além do mais tem medo de não conseguir se sustentar financeiramente; medo de ser a única provedora dos filhos; medo de ficar sozinha. Esses temores estão presentes no relacionamento pernicioso muito antes da mulher pensar em deixar o marido.

Item XIII: Depois de uma agressão a coisa mais difícil é a reconciliação

Os resultados não foram estatisticamente significantes para o grupo experimental. Indicam que, "quando a capacidade de se fazer valer fica bloqueada por muito tempo" a pessoa tende a desenvolver a agressão como forma de reação⁴⁰. E se sua agressividade estiver bloqueada, ou se sua necessidade de amor e atenção não for satisfeita, essa pessoa poderá tornar-se destrutivamente agressiva e passar a vida inteira vingando-se no mundo⁴¹. Conseqüentemente, a mulher faz jogo para justificar a efetivação do revide; este é uma forma de compensação para o sofrimento de não ter sido percebida como suficientemente importante.

Item XIV: É melhor morrer do que viver sofrendo

Os resultados não foram estatisticamente significantes. O desejo de preservar a vida, o instinto de sobrevivência é OK e muito forte na grande maioria das pessoas. Conscientemente e adultamente ninguém prefere a morte, embora seja frequente encontrar pessoas e, neste estudo, encontrar mulheres que, ao assumirem a posição existencial de inferioridade desejem morrer, como única saída para os graves conflitos.

Item XV: Há mais vantagem em ser quieta do que ser enérgica

Os resultados não foram estatisticamente significantes. Permitem inferir que, tanto para as respondentes da DPDM quanto para as do CSRMA, não é o fato da mulher ser ou não enérgica que a leva a se submeter à agressão, mas um estado de ânimo anterior, provavelmente negativo e condicionador da busca do papel de Vítima.

Item XVI: Saber amar é saber perdoar

Os resultados não foram estatisticamente significantes. Esperava-se maior proporção de respostas "acredita" entre as mulheres da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher; todavia, encontrou-se o contrário. Isto é compreensível e congruente com a decisão da mulher que vai à Delegacia denunciar e encerrar um conflito de grande pressão psico-emocional. Indicam que esta crença começa a sofrer influência de outros valores e

sentimentos e de outras crenças, também importantes para ela. "Qualquer mulher que se mantém presa a um relacionamento emocionalmente opressor, persistindo por causa da intensidade de seus sentimentos, está num relacionamento amoroso viciado. Há uma necessidade compulsiva da outra pessoa"²³.

Item XVII: É inútil esperar que os sonhos se tornem realidade

Os resultados não foram estatisticamente significantes. Indicam que a mulher que vive um relacionamento anômalo tem a fervorosa esperança de que venha a acontecer algo que faça o marido mudar; que o faça reconhecer que vinha se portando mal em relação a ela, e que daí por diante as coisas passem a ser diferentes. Ao longo do casamento o padrão de brigas e desculpas mantém acesa sua esperança de ser feliz²³.

Item XVIII: Na vida só se vence com preparo

os resultados não foram estatisticamente significantes. Indicam que as mulheres estão amadurecendo e adquirindo a capacidade de pensar e de se responsabilizar por seu próprio destino.

Como parte final desta discussão pode-se correr o risco de traçar um perfil da mulher agredida. São pessoas que trazem dentro de si uma Criança Submissa negativa que tem compulsão de queixar-se. E por esse comportamento recebem carícias de

auto-piedade que lhe dão conforto e esperança de virem a ser compreendidas e consoladas por algum Pai Nutritivo positivo de que recebam toda a compreensão, paciência e amor de que necessitam passivamente.

Até o momento da decisão de denunciar a violência sofrida vivem a fantasia mágica de crianças desamparadas à espera do pai, na figura mítica de príncipe encantado. A típica imagem do conto da Bela Adormecida impotente, imobilizada pelas circunstâncias dramáticas da vida, vítima de incompreensão e do amor daqueles que lhe estão próximos; daqueles que a deveriam valorizar e dar proteção. Sentem-se cheias de amor e sem ter com quem compartilhar, esquecidas da estima por si mesmas e dos modos de dar significado à vida; esquecidas de que o amor se estriba na capacidade de se fazer valer perante os outros e o mundo, por meio de adequada interpretação e comunicação com este mundo.

A mulher agredida, assim como qualquer pessoa que apresenta baixa auto-estima, se coloca por baixo e passa a considerar o outro, e neste caso, o marido, como alguém superior que tudo pode, inclusive invadir o seu eu e a sua liberdade. Não coloca limites à sua individualidade pois desconhece seus próprios limites. Torna-se vítima fácil de jogos psicológicos, patológicos, jogos de poder, sobretudo sexuais. Ela a tudo se submete em nome do amor, na expectativa de que, pela resignação e submissão redimirá o marido com seu holocausto²³. O medo de perder o

marido bem como, de sustentar a família sozinha falam mais alto do que o próprio padecimento.

A sociedade, a cultura, a religião e a publicidade comercial com determinados apelos consumistas contribuem para a divulgação de "belas" mentiras sobre o papel da mulher, da família, do relacionamento amoroso, etc.

A mulher do grupo da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher apresentou uma tendência à compulsão de queixar-se, o que permite afirmar ser grande a tendência de experimentar, com maior frequência pensamentos e sentimentos negativos característicos do Estado do Eu Criança Adaptada negativa.

A compulsão de buscar companheiros violentos que lhe permitem vivenciar situações que induzem a autopiedade está no fato da mulher não ter aprendido, na infância, a amarse e a valorizarse. Na busca do que é satisfatório e adequado, nas suas tentativas de acertos e erros jogam, sem querer, "encurralado". Há que empreender mudanças no sistema de crenças dessas mulheres quanto a seus quadros de referências. Acredita-se que o melhor caminho seja uma ação preventiva por meio da educação familiar e formal, pelo método da escola viva; dos movimentos Feministas que propugnam pela igualdade entre homens e mulheres. Caso contrário, o melhor será o apoio de pessoas que acreditam no valor do outro, a fim de ajudar a mudar estados de coisas e situações desagradáveis, dolorosas ou autodestrutivas.

6. CONCLUSÕES

A pesquisa não pretendeu esgotar o tema. Sabe-se que ainda persistem lacunas no conhecimento e compreensão do sistema de crenças, que deverão ser preenchidas com estudos posteriores.

O conhecimento, mesmo parcial, do elenco de crenças do sistema de Argumentos das mulheres que sofreram agressão de seus maridos ou companheiros, permite, com base nos resultados obtidos, que se apresente algumas conclusões:

- 1 - O grupo de respondentes da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher e o grupo do Centro de Saúde Dr. Rubens Monteiro Arruda diferem em relação à maioria das crenças e, conseqüentemente, quanto à frequência com que os componentes dos grupos se enquadram nas diversas categorias.
- 2 - As mulheres que procuram a Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher tendem a ter crenças de baixa autovalorização.
- 3 - As mulheres que possuem crenças de baixa autovalorização possuem, também, crenças de supervalorização do parceiro.
- 4 - As mulheres, cuja autovalorização é reduzida, nutrem fortes sentimentos de ansiedade e de incertezas em relação a si mesmas e dependem, em grande parte, do marido para ter auto-estima.
- 5 - As mulheres que têm crenças de baixa autovalorização tendem a aceitar relação amorosa sem vínculo formal baseado, apenas, no amor recíproco.
- 6 - A maioria das mulheres que sofreu agressão trabalha e ganha

para o seu sustento.

- 7 - Há uma relação de dependência entre o grupo de mulheres que sofre agressão dos maridos e o fato de ter sido, na infância, espancada por pessoas que não eram seus pais.
- 8 - Foi significativa para o grupo das mulheres agredidas, o fato de ter presenciado a agressão da mãe pelo pai.
- 9 - Há uma relação muito forte de dependência do grupo de mulheres agredidas com o fato destas viverem em companhia de marido ou companheiro que costuma se embriagar.
- 10- Foi muito significativa a relação de dependência do grupo que sofreu agressão com o fato da mulher ficar calada ou quieta durante as agressões verbais do marido ou companheiro.
- 11- As mulheres que sofreram agressão tendem a ter medo de ver o marido matar alguém da família, assim como tendem a compreender que é muito difícil mudar o marido para melhor.
- 12- Evidenciou-se que a maioria das mulheres agredidas tendem a procurar a Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher só depois de tomada a decisão de finalizar o relacionamento anômalo, quando passam a acreditar que a separação resolve o problema. Evidenciou-se, também, que elas consideram como solução separar-se do marido ou companheiro.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - AARDWEG, G.J.M. van den. Autopiedade neurótica e terapia antieixica. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.
- 2 - ADLER, A. La ficción reforzada como idea directriz en la neurosis. In: Adler, A. El carácter neurótico. Barcelona, Paidós, 1984. p. 87-134.
- 3 - ANTHONY, R. A arte da auto-aceitação. In: Anthony R. As chaves da autoconfiança: o guia avançado para vencer na vida. São Paulo, Best Seller, 1989. p. 54-67.
- 4 - AZEVEDO, M.A. Mulheres espancadas: violência denunciada. São paulo, Cortez, 1985.
- 5 - AZEVEDO, M.A. Mulheres espancadas/violência denunciada: repensando a problemática. Temas IMESC: Soc. Dir. Saúde. 3(2): 129-49. 1986.
- 6 - BARRETO, R.M. Introdução. In: Barreto, R.M. Análise transaccional e caráter social. São Paulo, SUMMUS, 1983.p.13-8.
- 7 - BERNE, E. El destino humano. In: Berne, E. Qué dice usted después de decir "hola"? la psicología del destino humano. 10ª ed. Barcelona, Grijalbo, 1974. p.45-78.
- 8 - BERNE, E. Primeiras fases. In: Berne, E. Qué dice usted después de decir "hola"? la psicología del destino humano. 10ª ed. Barcelona, Grijalbo, 1974. p. 101-14.
- 9 - BERNE, E. Análise de argumentos. In: Berne, E. Análise transaccional e psicoterapia. São Paulo, Summus, 1985. p. 109-19.

- 10 - BERNSTEIN, I. Texto y contexto de el carácter neurótico. In: Adler, A. El carácter neurótico. Barcelona, Paidós, 1984. p. 16-26.
- 11 - BOWKER, L.H. et al. The medical treatment of battered wives. Wom. Hlth, 12(1): 25-45, 1987.
- 12 - CARACUSHANSKI, S.R. Análise transacional aprofundada. São Paulo, Instituto Brasileiro de Análise Transacional, 1981. (mimeo).
- 13 - CASÁVOLA, H.M. et al. O papel construtivo dos erros na aquisição dos conhecimentos. In: Castorina, J.A. et al. Psicologia genética. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988. p. 32-44.
- 14 - COBLINER, W.G. A escola de psicologia genética de Genebra e a psicanálise: paralelos e equivalências. In: Spitz, R. A. O primeiro ano de vida. São Paulo, Martins Fontes, 1987. p. 225-64.
- 15 - CREMA, R. Análise do script. In: Crema, R. Análise transacional centrada na pessoa... e mais além. Brasília, H. Mendes, 1984. p. 249-93.
- 16 - CREMA, R. Argumento de vida. In: Crema, R. Psicodança e análise transacional: uma proposta de integração. 3ª ed. s.l., H.P. Mendes, 1983. p. 124-31.
- 17 - DEL CASALE, F. Estrutura da personalidade. In: Del Casale F. Ajuda-me a crescer. São Paulo, Summus, 1986. p.9-14.
- 18 - ERSKINE, R. Sistema de disfarces. Rev. Anal. trans., (4): 7-24, 1985.

- 19 - ERSKINE, R.G. & ZALCMAN, M.J. The racket system: a model for racket analysis. Trans. Anal., 9(1): 51-9, 1979.
- 20 - EY, H.; BERNARD, P. & BRISSET, C. Esboço do desenvolvimento da vida psíquica. In: Ey, H.; Bernard, P. & Brisset, c. Manual de psiquiatria. 5ª ed. s.l., Masson/Atheneu, s.d. p.12-4.
- 21 - FENICHEL, O. Teoria psicanalítica das neuroses. Rio de Janeiro, Atheneu, 1981.
- 22 - FENSTERHEIM, H. & BAER, J. Você poderá aprender a ser normal, a não ser neurótico. In: Fensterheim, H. & Baer, J. Não diga sim quando quer dizer não. 8ª ed. Rio de Janeiro, Record, s.d. p.19-40.
- 23 - FORWARD, S. & TORRES, J. Homens que odeiam suas mulheres & as mulheres que os amam: quando amar é sofrer e você não sabe porque. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.
- 24 - GARRET, H.E. Motivações sociais comuns. In: Garret, H. E. Psicologia. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura 1970. p.76-9.
- 25 - GOLDENBERG, P.; MEDRADO, M.A.; PASTERNOSTRO, H.A. La violencia contra la mujer: una cuestión de salud. Cuad.med. soc., Rosário (44): 77-91, 1988.
- 26 - GOULDING, M.M. & GOULDING, R.L. Argumentos. In: Goulding, M.M. & Goulding, R.L. Ajuda-te pela análise transacional: a arte de viver bem com a terapia da redecisão. São Paulo, IBRASA, 1985. p. 58-9.
- 27 - HARRIS, T.A. As quatro posições de vida. In: Harris, T.A.

- As relações do bem-estar pessoal. São Paulo, Círculo do Livro, 1976. p. 61-78.
- 28 - JAMES, M. & JONGEWARD, D. Nascido para vencer. 16ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- 29 - JONGEWARD, D. & JAMES, M. O roteiro de vida das pessoas. In: Jongeward, D. & James, M. Vencer juntos. São Paulo, Brasiliense, 1976. p. 11-22.
- 30 - JONGEWARD, D. & SCOTT, D. Mulheres vencedoras: análise transacional para o desenvolvimento pessoal. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- 31 - KERTÉSZ, R. et al. Argumento. In: Kertész, R. et al. Inroduccion al analisis transaccional. Buenos Aires, Paidós, s.d. p. 100-20
- 32 - KERTÉSZ, R. Análise transacional ao vivo. São Paulo, Summus 1987.
- 33 - KRECH, D. & CRUTCHFIELD, R.S. Satisfação e frustração de motivos. In: Krech, D. & Crutchfield, R.S. Elementos de psicologia. São Paulo, Pioneira, 1971. v.1, p.340-80.
- 34 - KRECH, D. & CRUTCHFIELD, R.S. Conflito e ajustamento. In: Krech, D. & Crutchfield, R.S. Elementos de psicologia. São paulo, Pioneira, 1971. v.2, p. 355-61.
- 35 - LANZILLOTTI, M.S. Crenças, atitudes e sistema de crenças. In: Lanzillotti, H.J. Crença na crença. São Gonçalo, Só crates Editorial, 1987. p. 10-20.

- 36 - LE BON, G. As opiniões e as crenças. São Paulo, s.ed,s.d.
- 37 - LOWEN, A. Hierarquia de poder e lutas pelo poder. In: Lowen, A. Medo da vida. São Paulo, Círculo do Livro, 1980. p. 213-27.
- 38 - MÁXIMO, L. O atendimento psicológico. Bol. COJE, (jul.): 5-7, 1984/85.
- 39 - MAY, R. Loucura e impotência. In: May, R. Poder e inocência: uma análise das fontes da violência. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981. p. 17-39.
- 40 - MAY, R. O poder de ser. In: May, R. Poder e inocência: uma análise das fontes da violência. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981. p. 99-119.
- 41 - MAY, R. Anatomia da violência. In: May, R. Poder e inocência: uma análise das fontes de violência. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981. p. 148-59.
- 42 - MORAES REGO, D.N. de. Revide infantil: sua influência na infelicidade das pessoas. São Luís, s.ed., 1989.
- 43 - NUTTAL, S.E.; GREAVES, L.J. & LENT, B. Wife battering: an emerging problem in public health. Can. J. Publ. Hlth, 76 : 297, 1985.
- 44 - NUTTIN, J. A estrutura eu-mundo. In: Nuttin, J. A estrutura da personalidade. São Paulo, Duas Cidades. 1969. p. 183-219.
- 45 - OLIVEIRA, I.E. de. Atitudes e estereótipos. In: OLIVEIRA,

I.E. de. Introdução à psicologia das relações humanas. 5ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/Serviço de Publicações, 1971. p. 43-7.

- 46 - PAUPITZ Fº, J. Alcodrama-negação. In: Paupitz Fº, J. Alcoolismo: fatos, mistérios, revelações e análise transacional do alcoólico. Florianópolis, Associação Catarinense de Medicina, 1984. p. 95-101.
- 47 - PEARCE, J.C. A criança mágica: a descoberta da imaginação na natureza das crianças. 3ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1987.
- 48 - PERRON, J. Os valores em psicologia. In: Perron, J. Bases e aplicações dos valores em psicologia e educação. Porto Alegre, Sagra, 1987. p. 9-27.
- 49 - POUDEVIDA, A.R. Diccionario Porrúa de la lengua española. 20ª ed. México, Porrúa, 1981.
- 50 - ROBBINS, A. Poder sem limites. São Paulo, Best Seller, 1987.
- 51 - ROKEACH, M. A natureza das atitudes. In: Rokeach, R. Crenças, atitudes e valores. Rio de Janeiro, Ed. Interciência, 1981. p. 89-107.
- 52 - SATIR, V. Auto-estima reduzida e escolha de cônjuge. In: Satir, V. Terapia do grupo familiar. 3ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, s.d. p. 30-3.
- 53 - SEABRA, Z. & MUSZKAT, M. Introdução. In: Seabra, Z & Muszkat, M. Identidade feminina. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 12-5.

54. - SMITH, M. Lidar afirmativamente com o maior manipulador: a crítica. In: Smith, M. Quando digo não, me sinto culpado. 3ª ed. Rio de Janeiro, Record, s.d. p. 122-41.
- 55 - STEINER, C. Os papéis que vivemos na vida: a análise transacional de nossas interpretações cotidianas. Rio de Janeiro, Artenova, 1976.
- 56 - TAPIA, J.J. Nós, o eu e vós, o você. In: Tapia, J.J. Como estar bem: uma estratégia de vida pela análise transacional. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1981. p. 49-61.
- 57 - TELES, M.L.S. Distúrbios de conduta. In: Teles, M.L.S. Uma introdução à psicologia da educação. Petrópolis, Vozes, 1975. p. 126-42.
- 58 - TILDEN, V.P. & SHEPHERD, P. Increasing the rate of identification of battered women in an emergency department: use of a nursing protocol. Res. Nurs. Hlth, (10):209-15, 1987.
- 59 - VISCOTT, D. Os sentimentos. In: Viscott, D. A linguagem dos sentimentos. 3ª ed. São Paulo, Summus, 1982, p.17-29.
- 60 - WOOLAMS, S. & BROWN, M. Simbiose e desconto. In: Woolams, S. & Brown, M. Manual completo de análise transacional. São Paulo, Cultrix, s.d. p. 101-18.
- 61 - WICKOFF, H. Relacionamentos: elaboração dos papéis sexuais dos homens e das mulheres. In: Steiner, C. Os papéis que vivemos na vida: análise de nossas interpretações cotidianas. Rio de Janeiro, Artenova, 1976. p.160-69.

ANEXOS

ANEXO 1

RAPPORT

Bom dia/Boa tarde

Eu me chamo Glória da Conceição Mesquita Leitão You e estou fazendo uma pesquisa para conhecer o relacionamento das mulheres casadas e/ou das que vivem junto a um companheiro. Você é uma das pessoas com quem desejo conversar sobre o assunto. Você concorda em responder às minhas perguntas?

Antes de começar, gostaria de saber se, frequentemente ou alguma vez, seu marido a agrediu fisicamente, isto é, se ele já bateu em você?

Para facilitar as suas respostas entregar-lhe-ei, antes de cada questão, um cartão com várias opções, dentre as quais você indicará uma ou até 3 (três) respostas.

Cada pergunta será lida uma única vez, porém, posso repetir, caso não tenha entendido. Lembre-se, a sua colaboração é muito importante para esta pesquisa.

Posso começar?

ANEXO 2

CRENÇAS ARGUMENTAIS DE MULHERES QUE SOFRERAM AGRESSÃO DE SEUS MARIDOS OU COMPANHEIRO. ESTUDO COMPARATIVO NO CAMPO DA AT, REALIZADO COM POPULAÇÕES ATENDIDAS NA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER E NO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA, SÃO PAULO (SP), 1988.

QUESTIONÁRIO Nº _____

1 - Ao término do RAPPORT, a respondente demonstrou estar, aparentemente:

NERVOSA		NEUTRA	CALMA	
1000	2000	3000	4000	5000

2 - Como você está se sentindo neste momento?

Muito nervosa?	— (100)
Nervosa?	— (200)
Nem nervosa nem calma?	— (300)
Calma?	— (400)
Muito calma?	— (500)

3 - ASSOCIAÇÃO Q1 X Q2 -----

Nas respostas que vou lhe fazer daqui pra frente vou ler, primeiro, cada resposta e, somente depois disso você me responde. Além disso, quando eu falar em mulher casada, estou incluindo, também, as mulheres que vivem com companheiros.

ENTREVISTADORA: Após a leitura das respostas, avisar à entrevistadora que, para certas questões ela deve responder olhando o cartão que lhe será apresentado.

CRENÇAS	A MAIS IMPORTANTE	
<p>4. - Como você acredita que as mulheres se sentem em relação ao homem com quem estão casadas? Dê, no máximo, três respostas.</p>		
	<u>a</u>	<u>b</u>
I - Acomodadas?	— (1)	— (10)
II - Amedrontadas?	— (2)	— (20)
III - Decepcionadas?	— (4)	— (30)
IV - Dependentes?	— (8)	— (40)
V - Desvalorizadas?	— (16)	— (50)
VI - Incompreendidas?	— (32)	— (60)
VII - Indecisas?	— (64)	— (70)
VIII- Obedientes?	— (128)	— (80)
IX - Sufocadas?	— (256)	— (90)
<p>(NO CASO DE MAIS DE UMA RESPOSTA) Qual dessas é a mais importante?</p>		

5 - ASSOCIAÇÃO DOS ÍTENS DE Q4a

CRENÇAS	A MAIS IMPORTANTE	
<p>6 - Como você acredita que os homens demonstram ser em relação as mulheres com quem estão casados? Dê no máximo, três respostas.</p>		
	<u>a</u>	<u>b</u>
I - Mandões	— (1)	— (1)
II - Covardes?	— (2)	— (2)
III - Durões?	— (4)	— (3)
IV - Falsos?	— (8)	— (4)
V - Incompreensíveis?	— (16)	— (5)
VI - Mentirosos?	— (32)	— (6)
VII - Mulherengos?	— (64)	— (7)
VIII - Violentos?	— (128)	— (8)
(NO CASO DE MAIS DE UMA RESPOSTA)		
Qual dessas é a mais importante?		

7 - ASSOCIAÇÃO DOS ÍTENS DE Q6a

8 - ASSOCIAÇÃO DE Q4b X Q6b

CRENÇAS	A MAIS IMPORTANTE	
<p>9 - Você acredita que a mulher precisa de um homem ao seu lado para : Dê no máximo, três respostas.</p>		
	<u>a</u>	<u>b</u>
I - ter amor?	— (1)	—
II - receber carinho?	— (2)	—
III - receber apoio?	— (4)	—
IV - ter um lar?	— (8)	—

CRENÇAS (Continuação)	A MAIS IMPORTANTE
VII - ser expulsa de casa e sofrer na casa dos outros? — (64)	— (7)
VIII - ser expulsa de casa e não poder sustentar os filhos? — (128)	— (8)
IX - ser expulsa de casa e cair na vida? — (256)	— (9)
(NO CASO DE MAIS DE UMA RESPOSTA) - Qual dessas é a mais importante?	

19 - ASSOCIAÇÃO DOS ÍTENS DE Q18

CRENÇAS	A MAIS IMPORTANTE	
20 - Você acredita que as mulheres acham ser muito difícil para elas: Dê, no máximo, três respostas.		
	<u>a</u>	<u>b</u>
I - Sustentar a família sozinha? — (1)	— (1)	— (10)
II - mudar o marido para melhor? — (2)	— (2)	— (20)
III - ser valorizadas pelos homens? — (4)	— (4)	— (30)
IV - receber a confiança dos homens? — (8)	— (8)	— (40)
V - ser respeitadas pelos homens? — (16)	— (16)	— (50)
VI - dialogar de igual para igual com os homens? — (32)	— (32)	— (60)
VII - obter carinho do marido? — (64)	— (64)	— (70)
VIII - receber a atenção que desejam? — (128)	— (128)	— (80)

23 - ASSOCIAÇÃO DOS ÍTENS DE Q22a

24 - ASSOCIAÇÃO DE Q20b X Q22b

25 - Vou ler algumas frases e você me responde se acredita ou não acredita no que elas afirmam.

	ACREDITA	NÃO ACREDITA	DEPENDE
I - Os homens compreendem as mulheres. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
II- As mulheres são protegidas pelos homens. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
III- Quando se dá colher de chá ao marido logo ele quer o vidro todo. Você acredita ou não acredita nisso? Ou acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
IV - Quando o marido não presta manda-se ele capinar. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
V - Ruim com ele pior sem ele. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
VI- A mulher sabe se defender quando agredida. Você acredita ou não acredita nisso? Ou acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)

	ACREDITA	NÃO ACREDITA	DEPENDE
VII - A mulher é inferior ao homem. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
VIII- Só dentro de casa há segurança. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
IX - As mulheres vivem encurraladas: se ficar o bicho pega se correr o bicho come. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
X - Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
XI - É melhor agüentar do que sentir remorso depois. Você acredita ou não acredita nisso? Ou acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
XII - A separação resolve o problema. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
XIII- Depois de uma agressão a coisa mais difícil é a reconciliação. Você			

	ACREDITA	NÃO ACREDITA	DEPENDE
acredita ou não <u>acredi</u> ta nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
XIV - É melhor morrer do que viver sofrendo. Você acredita ou não <u>acredi</u> ta nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
XV - Há mais vantagem em ser quieta do que ser enérgica . Você <u>acredi</u> ta ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
XVI - Saber amar é saber <u>per</u> doar. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)
XVII- É inútil esperar que os sonhos se tornem <u>re</u> alidade. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que <u>depen</u> de?	— (3)	— (2)	— (1)
XVIII-Na vida só se vence com preparo. Você acredita ou não acredita nisso? Ou você acha que depende?	— (3)	— (2)	— (1)

26 - Quantos anos você completou no
último aniversário? —

27 - Você já estudou, está estudando ou nunca estudou na escola?

SIM: Você fez o primeiro grau incompleto? — (1)

Você fez o primeiro grau completo? — (2)

Você fez o segundo grau incompleto? — (3)

Você fez o segundo grau completo? — (4)

Você fez o curso superior incompleto? — (5)

Você fez o curso superior completo? — (6)

NÃO:

28 - Você:

É casada só no civil? — (1)

É casada só no religioso? — (2)

É casada no civil e no religioso? — (3)

Tem um companheiro? — (4)

29 - Quantos filhos moram com você?

Nenhum filho — (1)

Um — (2)

Dois — (3)

Três ou mais — (4)

30 - Você trabalha para o seu sustento ou de sua família?

SIM PASSE P/ Q 31 — (1)

NÃO PASSE P/ Q 32 — (2)

31 - Quanto você recebe por mês?

Até um salário mínimo (SM) — (1)

Mais de um SM até dois SM — (2)

Mais de dois SM — (3)

32 - Durante sua infância, pelo menos por dois anos você viveu na companhia:

- | | | |
|---|--|-----------|
| De seu pai e de sua mãe | | _____ (1) |
| Apenas de seu pai PASSE P/Q33 | | _____ (2) |
| Apenas de sua mãe PASSE P/Q34 | | _____ (3) |
| De nenhum dos dois PASSE P/Q38 ITEM III | | _____ (4) |

ENTREVISTADORA: Faça as perguntas referentes às questões 33 e 34 de acordo com as respostas acima.

33 - Durante sua infância você sentia muito ou pouco medo de seu pai? Ou não sentia nenhum medo?

- | | | |
|-------------|--------|-----------|
| Muito medo | (1000) | _____ (1) |
| Medo médio | (1000) | _____ (2) |
| Pouco medo | (1000) | _____ (3) |
| Nenhum medo | (2000) | _____ (4) |

34 - Durante sua infância você sentia muito ou pouco medo de sua mãe? Ou não sentia nenhum medo?

- | | | |
|-------------|-------|-----------|
| Muito medo | (100) | _____ (1) |
| Medo médio | (100) | _____ (2) |
| Pouco medo | (100) | _____ (3) |
| Nenhum medo | (200) | _____ (4) |

35 - Durante sua infância você sentia muita ou pouca raiva de seu pai? Ou não sentia nenhuma raiva?

- | | | |
|-------------|------|-----------|
| Muita raiva | (10) | _____ (1) |
|-------------|------|-----------|

Raiva média	(10)	___(2)
Pouca raiva	(10)	___(3)
Nenhuma raiva	(20)	___(4)

36 - Durante sua infância você sentia muita ou pouca raiva de sua mãe? Ou não sentia nenhuma raiva?

Muita raiva	(1)	___(1)
Raiva média	(1)	___(2)
Pouca raiva	(1)	___(3)
Nenhuma raiva	(2)	___(4)

37 - ASSOCIAÇÃO Q33 X Q34 X Q 35 X Q36 (Escala à E) ---

38 - Durante sua infância:	SIM	NÃO
I - Você, alguma vez, apanhou de seu pai, sim ou não?	___(2)	___(1)
II - Você, alguma vez, apanhou de sua mãe, sim ou não?	___(4)	___(1)
III - Você, alguma vez, apanhou de outra pessoa da família, sim ou não?	___(8)	___(1)
IV - Você, alguma vez, viu sua mãe apanhar de seu pai, sim ou não?	___(16)	___(1)
V - Você, alguma vez, viu seu pai apanhar de sua mãe, sim ou não?	___(32)	___(1)
VI- Você, alguma vez, viu alguém de sua família bater em seu pai ou em sua mãe, sim ou não?	___(64)	___(1)

MOVIMENTO MENSAL DE QUEIXAS REGISTRADAS NA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE
DEFESA DA MULHER, SÃO PAULO(SP), 1987.

C R I M E S	M E S E S												TOTAL
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
Lesão corporal	61	49	67	50	49	80	77	86	68	75	79	71	812
Ameaça	37	30	49	42	32	32	40	54	42	60	52	63	533
Estupro	9	7	4	4	10	4	9	12	10	7	10	5	91
Rapto	0	1	1	1	0	1	1	4	3	2	1	1	16
Atenta.viol.pudor	1	2	3	1	1	4	2	1	1	6	1	1	24
Sedução	3	4	7	2	0	2	5	5	4	1	2	1	36
Constrang. ilegal	0	0	0	0	2	0	0	1	0	2	1	1	7
T O T A L	111	93	131	100	94	123	134	163	128	153	146	143	1519

Fonte: Arquivos da 2ª Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher.

TABELA Nº 1: GRUPO ETÁRIO DAS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

GRUPO ETÁRIO	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
IDADE (em anos completos)				
18 - 24	45	23,7	46	24,2
25 - 31	77	40,5	62	32,6
32 - 38	47	24,8	65	34,2
39 - 46	21	11,0	17	9,0
TOTAL	190	100,0	190	100,0

TABELA Nº 2: ESCOLARIDADE DAS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

ESCOLARIDADE	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Nunca estudou	20	10,5	14	7,3
1º Grau incompleto	147	77,4	133	70,0
1º Grau completo	13	6,9	19	10,0
2º Grau incompleto	5	2,6	13	6,8
2º Grau completo	2	1,0	10	5,3
3º Grau incompleto	3	1,6	1	0,6
3º Grau completo	0	0,0	0	0,0
TOTAL	190	100,0	190	100,0

TABELA Nº 3: NÚMERO DE FILHOS DAS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE DE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

NÚMERO DE FILHOS	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Nenhum	13	6,8	23	12,1
Um	42	22,1	51	26,9
Dois	59	31,1	47	24,7
Três ou mais	76	40,0	69	36,3
TOTAL	190	100,0	190	100,0

TABELA Nº 4: NÚMERO DE SALÁRIOS-MÍNIMOS RECEBIDOS PELAS RESPONDENTES QUE TRABALHAM PARA O AUTO-SUSTENTO, SEGUNDO O GRUPO DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

SALÁRIOS RECEBIDOS	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Até um salário mínimo	19	17,6	7	10,6
Mais de 1 até 2 sal. mínimo	68	63,0	39	59,1
Mais de dois sal. mínimos	21	19,4	20	30,3
TOTAL	108	100,0	66	100,0

TABELA Nº 5: TEMPO MÍNIMO DE CONVIVÊNCIA COM OS PAIS, SEGUNDO AS RESPONDENTES, DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

CONVIVÊNCIA DE 2 ANOS	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Com pai e mãe	168	88,5	176	92,6
Só com o pai	0	0,0	0	0,0
Só com a mãe	13	6,8	11	5,8
Com nenhum dos dois	9	4,7	3	1,6
TOTAL	190	100,0	190	100,0

TABELA Nº 6: SENTIMENTO DE MEDO DO PAI, SEGUNDO AS RESPONDENTES QUE CONHECERAM O PAI E QUE INTEGRAM O GRUPO DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

SENTIMENTO DE MEDO DO PAI	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Muito medo	65	38,7	54	30,7
Medo médio	12	7,1	27	15,3
Pouco medo	13	7,7	15	8,6
Nenhum medo	78	46,5	80	45,4
TOTAL	168	100,0	176	100,0

TABELA Nº 7: SENTIMENTO DE MEDO DA MÃE, SEGUNDO AS RESPONDENTES QUE CONHECERAM A MÃE E QUE INTEGRAM O GRUPO DA DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA) SÃO PAULO (SP), 1988.

SENTIMENTO DE MEDO DA MÃE	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Muito medo	39	21,6	29	15,5
Medo médio	18	9,9	28	15,0
Pouco medo	40	22,1	35	18,7
Nenhum medo	84	46,4	95	50,8
TOTAL	181	100,0	187	100,0

TABELA Nº 8: SENTIMENTO DE RAIVA DO PAI, NA INFÂNCIA, SEGUNDO AS RESPONDENTES QUE CONHECERAM O PAI E QUE INTEGRAM O GRUPO DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

SENTIMENTO DE RAIVA DO PAI	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Muita raiva	35	20,8	39	22,1
Raiva média	15	9,0	21	12,0
Pouca raiva	28	16,6	24	13,6
Nenhuma raiva	90	53,6	92	52,3
TOTAL	168	100,0	176	100,0

TABELA Nº 9: SENTIMENTO DE RAIVA DA MÃE, NA INFÂNCIA, SEGUNDO AS RESPONDENTES QUE CONHECERAM A MÃE E QUE INTEGRAM O GRUPO DE 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

SENTIMENTO DE RAIVA DA MÃE	DPDM		CSRMA	
	f	%	f	%
Muita raiva	16	8,9	15	8,0
Raiva média	11	6,0	16	8,6
Pouca raiva	41	22,6	47	25,1
Nenhuma raiva	113	62,5	109	58,3
TOTAL	181	100,0	187	100,0

TABELA Nº 10: EMBRIAGUÊS DOS PAIS E/OU DO OUTRO FAMILIAR PRESENCIA DA NA INFÂNCIA PELAS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

EMBRIAGUÊS DOS PAIS E/OU FAMILIARES	DPDM (n=190)				CSRMA (n=190)			
	SIM		NÃO		SIM		NÃO	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Pai se embriagava	69	36,3	121	63,7	64	33,7	126	66,3
Mãe se embriagava	7	3,7	183	96,3	9	4,7	181	95,3
Outro familiar se embriagava	82	43,2	108	56,8	81	42,7	109	57,3

ANEXO 5

TABELA Nº 25: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE O MODO COMO AS MULHERES SE SENTEM EM RELAÇÃO AO HOMEM COM QUEM ESTÃO CASADAS, SEGUNDO AS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER SÃO PAULO (SP), 1988.

MODO COMO AS MULHERES SE SENTEM EM RELAÇÃO AO HOMEM COM QUEM ESTÃO CASADAS	f	%
I - Desvalorizadas	97	19,2
II - Sufocadas	87	17,3
III - Decepcionadas	76	15,0
IV - Incompreendidas	58	11,5
V - Amedrontadas	52	10,3
VI - Indecisas	45	8,9
VII - Acomodadas	36	7,1
VIII - Dependentes	33	6,5
IX - Obedientes	21	4,2
TOTAL	505*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 26: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE O MODO COMO AS MULHERES SE SENTEM EM RELAÇÃO AO HOMEM COM QUEM ESTÃO CASADAS, SEGUNDO AS RESPONDENTES DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA, SÃO PAULO (SP), 1988.

MODO COMO AS MULHERES SE SENTEM EM RELAÇÃO AO HOMEM COM QUEM ESTÃO CASADAS	f	%
I - Dependentes	86	16,6
II - Acomodadas	81	15,6
III - Sufocadas	56	10,8
IV - Incompreendidas	55	10,6
V - Indecisas	54	10,5
VI - Obedientes	54	10,5
VII - Desvalorizadas	50	9,7
VIII - Decepcionadas	45	8,7
IX - Amedrontadas	36	7,0
TOTAL	517*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente

TABELA Nº 27: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE COMO OS HOMENS DEMONSTRAM SER EM RELAÇÃO ÀS MULHERES COM QUEM ESTÃO CASADOS, SEGUNDO AS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER, SÃO PAULO (SP), 1988.

COMO OS HOMENS DEMONSTRAM SER EM RELAÇÃO ÀS MULHERES COM QUEM ESTÃO CASADOS	f.	%
I - Violentos	111	20,4
II - Mandões	84	15,4
III - Covardes	83	15,2
IV - Falsos	67	12,3
V - Incompreensíveis	56	10,3
VI - Mulherengos	55	10,0
VII - Mentirosos	52	9,6
VIII- Durões	37	6,8
TOTAL	545*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente

TABELA Nº 28: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE COMO OS HOMENS DEMONSTRAM SER EM RELAÇÃO ÀS MULHERES COM QUEM ESTÃO CASADOS, SEGUNDO AS RESPONDENTES DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA, SÃO PAULO (SP), 1988.

COMO OS HOMENS DEMONSTRAM SER EM RELAÇÃO ÀS MULHERES COM QUEM ESTÃO CASADOS	f	%
I - Mandões	115	22,9
II - Incompreensíveis	89	17,7
III - Mulherengos	63	12,5
IV - Durões	63	12,5
V - Violentos	52	10,4
VI - Mentirosos	49	9,7
VII - Falsos	49	9,7
VIII- Covardes	23	4,6
TOTAL	503*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 29: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE OS MOTIVOS QUE LEVAM UMA MULHER A QUERER UM HOMEM AO SEU LADO, SEGUNDO AS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER, SÃO PAULO (SP), 1988.

MOTIVOS QUE LEVAM A MULHER A QUERER UM HOMEM A SEU LADO	f	%
I - Receber carinho	86	16,1
II - Ter um lar	66	12,3
III - Ser respeitada	64	12,0
IV - Ter amor	62	11,6
V - Receber apoio	61	11,4
VI - Ser compreendida	51	9,5
VII - Ter diálogo	37	7,0
VIII- Não se sentir sozinha	32	6,0
IX - Ter segurança	29	5,4
X - Não ser humilhada pelos outros	16	3,0
XI - Não ser explorada pelos outros	15	2,8
XII - Ter com quem dividir as tarefas domésticas	9	1,7
XIII- Garantir sua alimentação	6	1,2
TOTAL	534*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada por cada respondente.

TABELA Nº 30: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE OS MOTIVOS QUE LEVAM UMA MULHER A QUERER UM HOMEM A SEU LADO; SEGUNDO AS RESPONDENTES DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA, SÃO PAULO (SP), 1988.

MOTIVOS QUE LEVAM UMA MULHER A QUERER UM HOMEM A SEU LADO	f	%
I - Ter amor	100	18,1
II - Receber carinho	90	16,3
III - Receber apoio	68	12,3
IV - Ser respeitada	65	11,8
V - Ter um lar	62	11,2
VI - Ser compreendida	45	8,2
VII - Ter diálogo	34	6,2
VIII- Não se sentir sozinha	27	4,9
IX - Ter segurança	25	4,5
X - Ter com quem dividir as tarefas domésticas	17	3,0
XI - Não ser humilhada pelos outros	8	1,5
XII - Não ser explorada pelos outros	7	1,3
XIII- Garantir sua alimentação	4	0,7
TOTAL	552*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada por cada respondente.

TABELA Nº 31: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE AS ATITUDES DA MULHER DURANTE OU APÓS DISCUSSÃO COM O MARIDO, SEGUNDO AS RESPONDENTES DO GRUPO DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER, SÃO PAULO (SP), 1988.

ATITUDES DA MULHER DURANTE OU APÓS DISCUSSÃO COM O MARIDO	f	%
I - Aconselhar o marido	80	18,3
II - Esclarecer a responsabilidade de cada um	63	14,4
III - Defender-se	62	14,1
IV - Chorar	58	13,2
V - Demonstrar desprezo pelo marido	56	12,8
VI - Deixar o problema passar e esfriar a cabeça	55	12,6
VII - Ficar quieta	36	8,2
VIII- Engolir a raiva	17	3,9
IX - Chorar e pedir perdão pelo erro	11	2,5
TOTAL	438*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 32: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE AS ATITUDES DA MULHER DURANTE OU APÓS DISCUSSÃO COM O MARIDO, SEGUNDO AS RESPONDENTES DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO AR RUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

ATITUDE DA MULHER DURANTE OU APÓS DISCUSSÃO COM O MARIDO	f	%
I - Esclarecer a responsabilidade de cada um	96	22,4
II - Aconselhar o marido	86	20,0
III - Deixar o problema passar e esfriar a cabeça	72	16,8
IV - Defender-se	62	14,5
V - Chorar	47	11,0
VI - Demonstrar desprezo pelo marido	29	6,8
VII - Ficar quieta	25	5,8
VIII - Chorar e pedir perdão pelo erro	7	1,6
IX - Engolir a raiva	5	1,1
TOTAL	429*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 33: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE AS ATITUDES DA MULHER DURANTE OU APÓS SOFRER AGRESSÃO FÍSICA DO MARIDO OU COMPANHEIRO, SEGUNDO AS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER, SÃO PAULO (SP), 1988.

ATITUDES DA MULHER DURANTE OU APÓS SOFRER AGRESSÃO FÍSICA DO MARIDO	f	%
I - Queixar-se depois da briga na Del. da Mulher	105	21,2
II - Separar-se do marido	84	16,9
III - Reagir de alguma forma	83	16,7
IV - Chamar a polícia na hora	52	10,5
V - Demonstrar desprezo pelo marido	49	9,9
VI - Proceder de forma que o marido se sinta culpado	31	6,2
VII - Mostrar ao marido que seu amor é grande e capaz de perdoar	30	6,0
VIII- Agüentar a agressão com resignação na esperança que o marido mude	24	4,8
IX - Chorar	23	4,6
X - Engolir a raiva	12	2,4
XI - Ficar quieta	4	0,8
TOTAL	497*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 34: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE AS ATITUDES DA MULHER DURANTE OU APÓS SOFRER AGRESSÃO FÍSICA DO MARIDO, SEGUNDO AS RESPONDENTES DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA, SÃO PAULO (SP), 1988.

ATITUDES DA MULHER DURANTE OU APÓS SOFRER AGRESSÃO FÍSICA DO MARIDO	f	%
I - Separar-se do marido	86	18,5
II - Reagir de alguma forma	84	18,1
III - Queixar-se depois da briga na Del. da mulher	80	17,2
IV - Demonstrar desprezo pelo marido	68	14,7
V - Chamar a polícia na hora	40	8,6
VI - Proceder de forma que o marido se sinta culpado	33	7,1
VII - Mostrar ao marido que seu amor é grande e capaz de o perdoar	26	5,6
VIII- Chorar	15	3,2
IX - Ficar quieta	15	3,2
X - Agüentar a agressão com resignação na esperança que o marido mude	11	2,3
XI - Engolir a raiva	7	1,5
TOTAL	465*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 35: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE O COMPORTAMENTO PERIGOSO DA MULHER QUANDO NÃO HÁ ENTENDIMENTO COM O MARIDO, SEGUNDO AS RESPONDENTES da 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER, SÃO PAULO (SP), 1988.

COMPORTAMENTOS PERIGOSOS DA MULHER QUANDO NÃO HÁ ENTENDIMENTO COM O MARIDO	f	%
I - Sair com as amigas para se divertir	122	22,3
II - Provocar o marido fazendo coisas que ele não gosta	114	20,8
III - Vingar-se do marido	87	16,0
IV - Enfrentar o marido e reagir	67	12,2
V - Abandonar o lar	61	11,2
VI - Agüentar os maus tratos com resignação	43	7,9
VII - Mandar o marido embora	21	3,8
VIII- Insistir na reconciliação	17	3,1
IX - Pedir ajuda	15	2,7
TOTAL	547*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 36: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE O COMPORTAMENTOS PERIGOSOS DA MULHER QUANDO NÃO HÁ ENTENDIMENTO COM O MARIDO, SEGUNDO AS RESPONDENTES DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA, SÃO PAULO (SP), 1988.

COMPORTAMENTOS PERIGOSOS DA MULHER QUANDO NÃO HÁ ENTENDIMENTO COM O MARIDO	f	%
I - Provocar o marido fazendo coisas que ele não gosta	119	22,5
II - Sair com as amigas para se divertir	103	19,5
III - Vingar-se do marido	86	16,2
IV - Abandonar o lar	80	15,1
V - Enfrentar o marido e reagir	58	11,0
VI - Mandar o marido embora	38	7,2
VII - Agüentar os maus tratos com resignação	19	3,6
VIII- Pedir ajuda	15	2,8
IX - Insistir na reconciliação	11	2,1
TOTAL	529*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 37: RESPOSTAS ASSOCIADAS DA EXPECTATIVA CATASTRÓFICA DA MULHER DIANTE DO DILEMA DE ENFRENTAR OU REVIDAR ÀS AGRESSÕES DO MARIDO, SEGUNDO AS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER, SÃO PAULO (SP), 1988.

EXPECTATIVA CATASTRÓFICA DA MULHER DIANTE DO DILEMA DE ENFRENTAR OU REVIDAR AS AGRESSÕES DO MARIDO	f	%
I - Ser mais agredida pelo marido	125	26,7
II - Ser morta pelo marido	113	24,1
III - Ser expulsa de casa e sofrer na casa dos outros	57	12,2
IV - Ver o marido matar alguém da família	47	10,0
V - Perder o respeito dos filhos	43	9,2
VI - Ser criticada pelos outros	35	7,5
VII - Ser expulsa de casa e não poder sustentar os filhos	26	5,5
VIII - Ser expulsa de casa e cair na vida	12	2,6
IX - Ser abandonada pelo marido	10	2,2
TOTAL	468*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 38: RESPOSTAS ASSOCIADAS DA EXPECTATIVA CATASTRÓFICA DA MULHER DIANTE DO DILEMA DE ENFRENTAR OU REVIDAR AS AGRESSÕES, SEGUNDO AS RESPONDENTES DO CENTRO DE SAÚDE DE RUBENS MONTEIRO ARRUDA, SÃO PAULO (SP), 1988.

EXPECTATIVA CATASTRÓFICA DA MULHER DIANTE DO DILEMA DE ENFRENTAR OU REVIDAR AS AGRESSÕES DO MARIDO	f	%
I - Ser mais agredida pelo marido	96	19,1
II - Ser morta pelo marido	90	18,0
III - Perder o respeito dos filhos	75	15,0
IV - Ser abandonada pelo marido	74	14,7
V - Ser expulsa de casa e sofrer na casa dos outros	46	9,1
VI - Ser criticada pelos outros	36	7,1
VII - Ser expulsa de casa e cair na vida	34	6,8
VIII - Ser expulsa de casa e não poder sustentar os filhos	30	6,0
IX - Ver o marido matar alguém da família	21	4,2
TOTAL	502*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 39: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE OS OBJETIVOS CONSIDERADOS PELA MULHER, DIFÍCEIS DE SEREM ATINGIDOS, SEGUNDO AS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER, SÃO PAULO(SP), 1988.

OBJETIVOS CONSIDERADOS PELA MULHER, DIFÍCEIS DE SEREM ATINGIDOS	f	%
I - Mudar o marido para melhor	117	21,8
II - Sustentar a família sozinha	70	13,0
III - Ser valorizada pelos homens	66	12,3
IV - Dialogar de igual para igual com os homens	57	10,7
V - Ser respeitada pelos homens	49	9,1
VI - Obter carinho do marido	48	9,0
VII - Receber a atenção que dese jam	42	7,8
VIII- Receber a confiança dos ho mens	34	6,3
IX - Livrar-se das tarefas domés ticas rotineiras	32	6,0
X - Ajustar-se ao marido quando em conflito	21	4,0
TOTAL	536*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 40: RESPOSTAS ASSOCIADAS SOBRE OS OBJETIVOS CONSIDERADOS PELA MULHER, DIFÍCIES DE SEREM ATINGIDOS, SEGUNDO AS RESPONDENTES DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA, SÃO PAULO (SP), 1988.

OBJETIVOS CONSIDERADOS PELA MULHER, DIFÍCIES DE SEREM ATINGIDOS	f	%
I - Sustentar a família sozinha	111	22,0
II - Ser valorizada pelos homens	68	13,6
III - Mudar o marido para melhor	61	12,0
IV - Ser respeitada pelos homens	49	10,0
V - Diálogo de igual para igual com os homens	48	9,6
VI - Livrar-se das tarefas domé- sticas rotineiras	46	9,2
VII - Receber a atenção que dese- jam	43	8,6
VIII- Receber a confiança dos homens	40	8,0
IX - Obter carinho do marido	24	4,8
X - Ajustar-se ao marido quando em conflito	11	2,2
TOTAL	501*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 41: RESPOSTAS ASSOCIADAS ACÊRCA DAS SOLUÇÕES ADOTADAS PELAS MULHERES DIANTE DA FRUSTRAÇÃO DE NÃO OBTER AQUILO QUE ALMEJAM, SEGUNDO AS RESPONDENTES DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DA DEFESA DA MULHER, SÃO PAULO (SP), 1988.

SOLUÇÕES ENCONTRADAS PELAS MULHERES DIANTE DA FRUSTRAÇÃO DE NÃO OBTER AQUILO QUE ALMEJAM	f	%
I - Desabafar com as amigas	96	22,0
II - Separar-se do marido	95	21,9
III - Buscar outra solução	89	20,5
IV - Chorar	60	13,8
V - Conformar-se com o que recebe	35	8,0
VI - Espairar com outra coisa	33	7,6
VII - Engolir a raiva	25	5,7
VIII - Arranjar um bode expiatório	2	0,5
T O T A L	435*	100,0

*Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 42: RESPOSTAS ASSOCIADAS DAS SOLUÇÕES ADOTADAS PELAS MULHERES DIANTE DA FRUSTRAÇÃO DE NÃO OBTER AQUILO QUE ALMEJAM, SEGUNDO AS RESPONDENTES DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA, SÃO PAULO (SP), 1988.

SOLUÇÕES ENCONTRADAS PELAS MULHERES DIANTE DA FRUSTRAÇÃO DE NÃO OBTER AQUILO QUE ALMEJAM	f	%
I - Desabafar com as amigas	110	26,8
II - Buscar outra solução	102	24,8
III - Chorar	53	12,9
IV - Separar-se do marido	46	11,2
V - Espairar com outra coisa	43	10,4
VI - Conformar-se com o que re <u>ce</u> be	41	10,0
VII - Engolir a raiva	14	3,4
VIII- Arranjar um bode expiatório	2	0,5
TOTAL	411*	100,0

* Somatório de mais de uma resposta dada pela respondente.

TABELA Nº 43: AVALIAÇÃO INICIAL DO ESTADO EMOCIONAL DAS RESPONDENTES, SEGUNDO A INTUIÇÃO DA PESQUISADORA E SEGUNDO OS GRUPOS DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

AVALIAÇÃO INICIAL DO ESTADO EMOCIONAL DAS RESPONDENTES, SEGUNDO A INTUIÇÃO DA PESQUISADORA		DPDM		CSRMA	
		f	%	f	%
NERVOSA	1000	0	0,0	0	0,0
	2000	63	33,2	22	11,6
NEUTRA	3000	50	26,3	35	18,4
CALMA	4000	75	39,5	129	67,9
	5000	2	1,0	4	2,1
TOTAL		190	100,0	190	100,0
VEM* =		3,1		3,6	

*Expresso em escala de limites 0 e 5.

TABELA Nº 44: AVALIAÇÃO INICIAL DO ESTADO EMOCIONAL DAS RESPONDENTES, SEGUNDO SUAS AUTOPERCEPÇÕES E SEGUNDO OS GRUPOS DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPFM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

AVALIAÇÃO INICIAL DO ESTADO EMOCIONAL DAS RESPONDENTES, SEGUNDO SUAS AUTO PERCEPÇÕES		DPDM		CSRMA	
		f	%	f	%
Muito nervosa	100	38	20,0	5	2,7
Nervosa	200	74	39,0	54	28,4
Nem nervosa e nem calma	300	26	13,7	41	21,6
Calma	400	51	26,8	89	46,8
Muito calma	500	1	0,5	1	0,5
TOTAL		190	100,0	190	100,0
VEM*		2,5		3,1	

*Expresso em escala de limites 0 e 5.

TABELA Nº 45: AVALIAÇÃO FINAL DO ESTADO EMOCIONAL DAS RESPONDENTES, SEGUNDO A INTUIÇÃO DA PESQUISADORA E SEGUNDO O GRUPO DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

AVALIAÇÃO FINAL DO ESTADO EMOCIONAL DAS RESPONDENTES, SEGUNDO A INTUIÇÃO DA PESQUISADORA		DPDM		CSRMA	
		f	%	f	%
Nervosa	10	4	2,1	0	0,0
	20	46	24,2	9	4,8
Neutra	30	53	28,0	27	14,2
Calma	40	86	45,2	148	77,9
	50	1	0,5	6	3,1
TOTAL		190	100,0	190	100,0
VEM*			3,2		3,7

*Expresso em escala de limites de 0 e 5.

TABELA Nº 46: AVALIAÇÃO FINAL DO ESTADO EMOCIONAL DAS RESPONDENTES, SEGUNDO SUAS AUTOPERCEPÇÕES E SEGUNDO O GRUPO DA 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER (DPDM) E DO CENTRO DE SAÚDE RUBENS MONTEIRO ARRUDA (CSRMA), SÃO PAULO (SP), 1988.

AVALIAÇÃO FINAL DO ESTADO EMOCIONAL DAS RESPONDENTES, SEGUNDO SUAS AUTO PERCEPÇÕES		DPDM		CSRMA	
		f	%	f	%
Muito nervosa	1	6	3,1	0	0,0
Nervosa	2	43	22,7	16	8,4
Nem nervosa e nem calma	3	57	30,0	39	20,6
Calma	4	82	43,2	131	69,0
Muito calma	5	2	1,0	4	2,1
TOTAL		190	100,0	190	2,1
VEM*		3,2		3,6	

*Expresso em escala de limites 0 e 5.

TABELA Nº 47: AVALIAÇÃO DO ESTADO EMOCIONAL DAS RESPONDENTES, NO INÍCIO E NO FINAL DAS ENTREVISTAS, SEGUNDO A PERCEPÇÃO DA PESQUISADORA E DAS RESPONDENTES E, SEGUNDO O VALOR ESCALAR MÉDIO*

ETAPA	AVALIAÇÃO DA PESQUISADORA		AUTO-AVALIAÇÃO DA RESPONDENTE	
	DPDM	CRMA	DPDM	CRMA
Início	3,1	3,6	2,5	3,1
Fim	3,2	3,7	3,2	3,6

*Expresso em escala de limites de 0 e 5.

ANEXO 7

QUESTIONÁRIO Nº 1

- 1 - Quantos anos você completou em seu último aniversário?
- 2 - Em que Estado você nasceu?
- 3 - Até que série você estudou? Completou esta série?
- 4 - Você trabalha fora de casa?
- 5 - Você é casada no civil ou no religioso? Ou em ambos?
Ou você não é casada?
- 6 - Há quanto tempo vive com seu marido? (companheiro)
- 7 - Qual a idade dele?
- 8 - Já houve alguma separação entre vocês? Por quanto tempo?
- 9 - Você viveu com seus pais quando era criança, antes dos 10 anos?
- 10 - Até que idade morou com seu pai? E com sua mãe?
- 11 - Teve padrasto? Com que idade? E madrasta? Com que idade?
- 12 - Seu pai bebia e se embriagava? E sua mãe?
- 13 - Seu marido bebe e se embriaga? E você?
- 14 - Seu pai batia em você quando você era criança? E sua mãe?
Qual dos dois era mais agressivo?
- 15 - Se não batiam, eles faziam ameaças de bater? Qual dos dois ameaça mais?
- 16 - Se teve pais de criação eles batiam em você? Qual dos dois pais adotivos era mais agressivo?
- 17 - Eles faziam ameaças de bater? Qual dos dois ameaçava mais?
- 18 - Algum outro familiar batia em você quando você era criança? Quem?
- 19 - Havia agressões entre seus pais? Quem batia em quem?
- 20 - Havia agressões entre seus pais de criação? Quem batia em quem?

- 21 - Seu marido (ou companheiro) já agrediu você fisicamente alguma vez?
- 22 - Foi uma vez só, ou mais de uma vez?
- 23 - Ele faz ameaças de bater em você? Com que frequência ele faz ameaças?
- 24 - Se você pudesse encontrar alguma semelhança, com quem você acha que seu marido tem um comportamento mais parecido, com o de seu pai ou com o de sua mãe?
- 25 - E você tem comportamentos mais parecidos com os de seu pai ou com os de sua mãe?
- 26 - Fale-me de um comportamento de seu pai que você não gostava, quando você era criança (tinha menos de 10 anos).
- 27 - Que idéia você fazia de seu pai quando ele agia daquele jeito?
- 28 - O que você pensava de você quando seu pai agia daquele jeito?
- 29 - Quando ele agia daquele jeito, o que é que você fazia?
- 30 - O que você sentia quando seu pai agia daquele jeito que você não gostava?
- 31 - Por que você sentia medo (e/ou raiva) do seu pai?
- 32 - O que você gostaria de ter feito naquela ocasião e que não fez?
- 33 - O que poderia ter acontecido de ruim a você se você tivesse feito aquilo que gostaria de ter feito? E o que mais poderia ter acontecido de ruim a você?
- 34 - O que você queria de bom para você naquela ocasião e que não conseguiu?
- 35 - Como você gostaria que seu pai tivesse agido com você naquela ocasião?
- 36 - O que você sente pelo fato destas coisas terem acontecido com você?

- 37 - Fale-me de um comportamento de sua mãe que você não gostava quando você era criança?
- 38 - Que idéia você fazia de sua mãe quando ela agia daquele jeito?
- 39 - O que você pensava de você quando ela agia daquele jeito?
- 40 - Quando ela agia daquele jeito, o que é que você fazia?
- 41 - O que você sentia quando sua mãe agia daquele jeito que você não gostava?
- 42 - Por que você sentia medo (ou raiva) de sua mãe?
- 43 - O que gostaria de ter feito, naquela ocasião e não fez?
- 44 - O que poderia ter acontecido de ruim a você se tivesse feito aquilo que gostaria de ter feito? E o que mais poderia ter acontecido de ruim a você?
- 45 - O que você queria de bom para você naquela ocasião e que não conseguiu?
- 46 - Como você gostaria que sua mãe tivesse agido com você naquela ocasião?
- 47 - O que você sente pelo fato destas coisas terem acontecido a você?
- 48 - Como você acha que vai ficar sua vida daqui para frente?
- 49 - O que você acha que precisa mudar em sua vida para que ela fique melhor ou para você ser mais feliz?
- 50 - E em você, o que você acha que precisa mudar para que sua vida fique melhor?
- Mensagem alentadora.

ANEXO 8

ESTRUTURA PAMELA LEVIN

- Eu sinto _____ (o que sinto hoje pelas situações desagradáveis do passado pelo que fiz e senti e pelo que não fiz e não consegui) (disfarce atual)
- porque acho que se ____ (o comportamento que gostaria de ter tido e não tive naquela ocasião, diante do comportamento parental negativo) (= mandato, se precedido de NÃO: comportamento que não faço)
- eu senti _____ (comportamento parental negativo que imagino que ocorreria naquela ocasião, se eu tivesse feito o que gostaria de ter feito) (expectativa catastrófica)
- em vez de _____ (o comportamento parental positivo que gostaria ocorresse naquela ocasião para atender a uma necessidade autêntica) (aquilo que deseja obter e não consegue)
- e por isso eu _____ (comportamento substituto que teve naquela ocasião, por receio de algo catastrófico) (comportamento substituto que assume).